

Marília Medeiros

Aerial night view of Pombal city square, showing the illuminated church, the large cross, and the surrounding buildings and trees. The image is a fisheye projection, creating a circular horizon.

**Experiências**  
do **Moderno** em  
**Pombal**

Uma análise das transformações  
urbanoespaciais da cidade  
(1970-2010)



---

# EXPERIÊNCIAS DO MODERNO EM POMBAL- PB

---

Uma análise das transformações  
urbano-espaciais da cidade (1970-2010)

Marília de Medeiros Cruz



NATIVA  
2021



#### **Editor**

Lucas Manoel Freire Monteiro Cabral

#### **Conselho Editorial**

Luíra Freire Monteiro

Flávio Carreiro de Santana

Emerson Marcelino Alves Silva

#### **Conselho Científico**

Alberto Edvanildo Sobreira Coura (UEPB)

Bruno Rafael de A. Gaudêncio (ALCG)

Eliton S. Medeiros (UFPB)

Flaubert Barros Leira (HGGP)

Flávio Carreiro de Santana (NUPEHL)

Glauber Paiva da Silva (UFPE)

Hélio de Sousa Ramos Filho (UFPB)

Hilmária Xavier Ribeiro (UEPB)

Iordan Queiroz Gomes (NUPEHL)

João Pereira Silva Neto (IHLS)

José de Sousa Pequeno Filho (IHSB)

José Edmilson Rodrigues (ALCG)

Juvandi Dos Santos Silva (UEPB)

Laudemiro L. de Figueiredo Filho (IHSB)

Lucira Freire Monteiro (UEPB)

Luíra Freire Monteiro (UEPB)

Luiz Carlos dos Santos (IHGAN)

Maria Ida Steinmuller (IHCG)

Thélio Queiroz Farias (ALCG)

Thomas Bruno Oliveira (IHGP)

Thuka Kércia Morais de Lima (MDCG)

Vanderlei de Brito (IHCG)

#### **Expediente**

Designer gráfico

Emerson M. Alves Silva

Capista

George Tenório Pinto

Revisão linguística

Vanuza de Oliveira Barbosa

Normalização técnica

Luíra Freire Monteiro e

Normalização técnica

Flávio Carreiro de Santana



Marília De Medeiros Cruz

**EXPERIÊNCIAS DO MODERNO  
EM POMBAL- PB**

Uma análise das transformações urbano-espaciais  
da cidade (1970-2010)

Nativa 

2021



Copyright 2021 – Nativa  
ISBN 978-65-89987-05.5

Ilustração da capa:  
Foto panorâmica de Pombal, por Shirley Helane

Capa: Júnior Telmo  
Revisão técnica: Luíra Freire Monteiro e Flávio Carreiro de Santana

Contato com a autora:  
[nativa.edit@gmail.com](mailto:nativa.edit@gmail.com)

### **TODOS OS DIREITOS RESERVADOS**

É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio. A violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610/1998) é crime estabelecido no artigo 184 do Código Penal.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

**Cruz, Marília de Medeiros.**

**Pombal moderna: uma análise das transformações urbano-espaciais da cidade (1970-2010) / Marília de Medeiros Cruz. - Cajazeiras, 2019.**

**Bibliografia**

**ISBN 978-65-89987-05-5**

1. Transformações urbanas - Pombal - Paraíba – 1970-2010.  
2. Historiografia - Pombal - Paraíba. 3. Oralidade. 4. Cultura popular. 5. Memória. 6. Oralidade. 7. Religiosidade. I. Sousa, Silvana Vieira de. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

C957p

CDU - 911.375.1(813.3)(091)

Índices para catálogo sistemático:

1.Paráiba : História 911.375

Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764

***“Vi subirem e caírem as paredes que transformaram  
esta terra no que ela é hoje”***

*(Jerdivan Nóbrega de Araújo – Memórias Tristes  
do “Roi-Couro” de Pombal, 2018)*

## LISTA DE IMAGENS

**Imagem 1:** Vista da Praça Getúlio Vargas – Pombal-PB

**Imagem 2:** Praça do Centenário (

**Imagem 3:** Centro histórico de Pombal visto de cima

**Imagem 3.1:** Circulação de pessoas na Feira livre de Pombal

**Imagem 4:** Encontro das Praças do Centenário e Getúlio Vargas

**Imagem 5:** Calçada da Igreja matriz e Praça Getúlio Vargas

**Imagem 6:** Feira livre de Pombal

**Imagem 7:** Centro histórico a noite

**Imagem 8:** Rua Cel. João Carneiro – Centro

**Imagem 9:** Vista do Centro Histórico

## Prefácio

Sinto-me honrado em poder tecer algumas considerações acerca deste livro de Marília de Medeiros Cruz. Não só por ser seu amigo, mas por ser um admirador da sua coragem e persistência enquanto Historiadora.

Sendo seu amigo pessoal, pude participar de perto de sua formação acadêmica e partilhar de sua inteligência feminina, afinada com um olhar voltado a cidade e aos pontos importantes da historiografia, que refletem o lugar da História Local. Da História de Pombal.

Marília traz em seu livro o diagnóstico sobre a cidade que se transforma. A cidade que sempre está em mudança, mesmo que conservando seu ar de berço do Sertão Paraibano. O mudar de Pombal é lento como o ritmo do próprio tempo. Seu compasso “badaloso” como o sino da velha Igreja do Rosário, como o atravessar da Praça do Centenário ou mesmo como os ponteiros do velho relógio na Colina da Hora – sempre atrasado vinte minutos – nos dá a percepção de que o tempo da História em Pombal é mais lento.

Em seus capítulos, deixa claro o que escreve e descreve, dissertando sobre os aspectos da modernidade, da história local e da oralidade que serviram de norte para

falar de uma Pombal em constante transformação, mas que não perdeu sua essência de cidade antiga.

Marília inicia seus escritos tecendo algumas considerações no capítulo I sobre o urbano e sua relação como conceitos de cidade. Ela explora alguns autores como Bresciani (1992) e Lefebvre (2001), buscando dar sentido ao que discute: a cidade como objeto de estudo da História. A cidade pensada e refletida como modo de saber historiográfico, suas transformações, rupturas e permanências no tempo.

No capítulo II a autora apresenta a cidade vista por sua iconografia, salientando seu aspecto histórico e a centralidade que dela advém. Pombal como centro; Pombal como ponto de partida a partir de um centro histórico, revelado em sua arquitetura e nas representatividades dos edifícios públicos, praças etc.

Por último, no capítulo III, Marília abre delicadamente seus ouvidos para, atentamente, perceber o “ouvir contar” de seus entrevistados, em suas narrativas sobre a cidade, suas percepções, padrões de uma cidade vivida, desejada e alcançada. Aqui ela revela sua sensibilidade em poder ouvir, atenta e ansiosamente, as histórias de seus contadores sobre uma Pombal de multifaces.

Neste sentido, Marília contribui significativamente para a história local e paraibana. Seu livro é, para o leitor que não conhece a cidade, o desvendamento do olhar sobre Pombal como cidade histórica, rica em imagens e em imaginário social.

Thiago dos Santos Farias  
Historiador  
Pombal-PB, Setembro de 2021

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
<b>ESTUDOS URBANOS: UMA ABORDAGEM TEÓRICA E CONCEITUAL SOBRE O OBJETO CIDADE. ....</b>	<b>6</b>
1.1-O olhar do historiador sobre a cidade.....	15
1.2-Noções sobre a cidade: historiografia e transformações urbanas. ....	21
1.3-Cidade e Memória: construções imagéticas do lugar. ....	24
<b>O IMAGINÁRIO ICONOGRÁFICO SOBRE A CIDADE DE POMBAL-PB: UMA VIAGEM NAS DÉCADAS DE 1970-2010.....</b>	<b>29</b>
2.1- O ritmo da cidade: um olhar sobre a Pombal que se movimenta .....	37
2.2-A cidade que reluz: a praça do centenário como lugar de encontro na cidade de Pombal. ....	46

**OUVIR E CONTAR: MEMÓRIAS SOCIAIS  
SOBRE POMBAL DAS DÉCADAS DE 1970-2010.55**

3.1-Um olhar sobre os entrevistados: Marcus Bandeira, Thiago Farias e Francisco Vieira. ....	59
3.2-Falas de experiências urbanas acerca de Pombal, ontem e hoje. ....	64
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS: .....</b>	<b>83</b>
<b>REFERÊNCIAS:.....</b>	<b>87</b>

## INTRODUÇÃO

As Cidades mudam, mudam com o tempo, mudaram ontem, hoje e sempre mudarão, essa é a dinâmica urbana, mudar as rotas de compreensão da paisagem pela maneira como seus habitantes interagem com a cidade. E sabendo que os espaços não estão pré-definidos, eles são criados a partir do cotidiano das pessoas.

Ao passar dos anos, a escrita dos historiadores tem trazido um contributo significativo no estudo das cidades. Temos como exemplo: “O Rio de Janeiro Imperial” de Adolfo Morales de los Rios Filho (1946), “Cidades Latino-Americanas”, que tem como organizadores Fania Fridman e Mauricio Abreu (2010), “As Cidades no tempo”, tendo como organizadores: Margarida Maria de Carvalho, Maria Aparecida de S. Lopes e Susani Silveira Lemos França (2005), “Na Cidade da Parahyba, o percurso e as tramas do

moderno”, de Osmar Luís da Silva Filho (1999), entre outros estudos que abordam a temática sobre Cidades.

Os estudos acima citados, dentre outros, nos revelam os significados da vida urbana. As cidades são um palco de pulsação; de trabalho; de lazer; de cultura; de violência; de marginalização, ou seja, de toda uma gama de acontecimentos que projeta as/ou nas pessoas o reflexo da paisagem urbana e suas transformações. No geral, esses novos estudiosos do tema Cidades, levam em conta as experiências humanas que as fontes deixam revelar. E o campo historiográfico vem trabalhando essas experiências para melhor entender as cidades e todos os estudos que são realizados a partir delas em diálogo com outras ciências em geral.

No que se refere a este trabalho, a cidade de Pombal, é palco para nosso estudo, e desperta nosso interesse, pois além de ser uma cidade histórica – em 2018 completou 320 anos de sua fundação – revela ser palco de transformações urbanas, que delinearão sua paisagem arquitetônica e sociocultural ao longo de várias décadas, parte delas vivenciadas na condição de habitante.

Na condição de pesquisadora, foi importante a descoberta de alguns trabalhos de historiadores da cidade surgidos a partir de propostas de estudos culturais

tematizando a modernidade, os aspectos religiosos e culturais como o de Alexandre Ferreira Santos: “A cadeia velha de Pombal - PB: Discursos diversos e diálogos na preservação do patrimônio histórico pombalense do século XXI” (2015); no seu aspecto cultural e religioso destacamos o trabalho de Thiago dos Santos Farias: “Mosaicos da fé: rememoração e práticas na congada” (2016); nos seus aspectos modernos os trabalhos de Helmara Giccelli Formiga Wanderley: “Cotidiano, cultura e lazer em Pombal: contradições do progresso (1927-1959)” e o de Flávio Carreiro de Santana: “Pombal moderna: Cidade, memória e oralidade (1930-1950)”, estes dois últimos abrem já um espaço para discussões urbanas, com propostas que se assemelham a abordagem que pretendemos fazer neste estudo.

Para essa finalidade, tomamos de empréstimo a metáfora das “sete portas da cidade” a partir dos estudos de Maria Stella Brescianni (1991), sobre transformações urbanas, cuja tese implica em conhecer os aspectos variados de uma cidade estudada por meio de portas que se abrem para o estudo das mesmas.

Sendo assim, as fontes que lançamos mão neste trabalho revelam-se a partir de um apanhado documental e bibliográfico. Um acervo fotográfico de imagens da

cidade de épocas variadas fornecidas por pessoas que dispõem de acervo particular e as fontes orais produzidas mediante as entrevistas que foram realizadas.

Portanto, na proposta geral do trabalho sobre Pombal, teremos o processo de modernização, transformações urbanísticas e os modos de vida de seus habitantes, além dos aspectos histórico-cultural que envolvem a paisagem urbana como um todo. Arelado a isso, o cenário material da cidade (ruas, praças, edifícios, casario) foi foco da análise das fontes orais com o intuito alcançar os objetivos propostos neste Trabalho de Conclusão de Curso.

No capítulo um, intitulado: “Estudos urbanos: uma abordagem teórica e conceitual sobre o objeto *cidade*?” apresentamos uma discussão teórica sobre os estudos de outros historiadores sobre o tema cidades, sendo ele atual ou não, porque compreendemos a importância do diálogo com estudiosos renomados. Neste sentido, pensamos que essa discussão inicial irá ajudar na compreensão da nossa proposta de trabalho.

No segundo capítulo, “O imaginário iconográfico sobre a cidade de Pombal-PB: uma viagem nas décadas de 1970-2010” escolhemos trabalhar com um acervo fotográfico da cidade de Pombal em diferentes épocas,

turnos e lugares, analisando cada fotografia e o que a mesma deixa transparecer para quem as observa. Cada recorte diz algo sobre a cidade, seus espaços e as pessoas que se utilizam desses espaços. É importante salientar que as imagens sobre Pombal escolhidas para o acervo estão relacionadas ao seu Centro Histórico, uma referência direta a centralidade urbana que a cidade tem na sua construção social enquanto lugar a ser estudado.

Por fim, no terceiro capítulo, “Ouvir e contar: uma memória social sobre pombal das décadas de 1970-2010” destacamos o uso das fontes orais através das entrevistas realizadas com três depoentes, tendo como critério para a escolha dos mesmos o seu lugar social na cidade e como cada um a vivenciou em seu tempo histórico de maneira particular ou coletiva. Aqui procuramos dar importância as falas e os significados que cada um deu a cidade e aos espaços descritos por eles. Seus olhares e interpretações foram sendo observadas com o intuito de compor uma narrativa que pudesse corresponder à proposta do capítulo e esclarecer como a cidade é enxergada por estas pessoas a partir de suas impressões e opiniões.

Assim estruturado, esse estudo pretende se colocar como mais uma contribuição para a história da cidade de Pombal, da história local e história da Paraíba.

## **ESTUDOS URBANOS: UMA ABORDAGEM TEÓRICA E CONCEITUAL SOBRE O OBJETO CIDADE.**

O estudo das cidades, assim como em outros temas, é algo que não tem fim, e ao longo dos anos, vários historiadores têm se dedicado a essa tarefa de dar conta de explorar as diferentes possibilidades de estudo referentes à cidade. Para que possamos tratar da cidade de Pombal moderna como objeto de estudo, faz-se necessário compreender minimamente o processo histórico pelo qual as cidades passaram ao longo do tempo e para isso, analisaremos diversas produções científicas sobre o nosso objeto de estudo. Nesse sentido, defendemos a importância da historiografia da cidade como possibilidade de pensar a cidade como lugar de experiências e de narrativas diversas construídas.

Analisando a teoria de Walter Benjamin sobre a necessidade de narrar experiências humanas, o autor assim coloca,

A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores. E, entre as narrativas escritas as melhores são as que menos distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos. Entre eles, existem dois grupos, que se interpenetram de múltiplas maneiras. A figura do narrador só se torna plenamente tangível se temos presentes dois grupos. “Quem viaja tem muito que contar”, diz o povo, e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições (BENJAMIN, 1985, p. 198-199).

Dessa forma, narrar experiências significa atrelar o olhar ao que seja possível de se conhecer ou estudar, seja das leituras ou da oralidade o que nos faz refletir sobre as formas de ver e apreender a cidade.

“Observando as possibilidades de estudo da cidade em "As sete portas da cidade", Maria Stella Bresciani (1991) aborda da seguinte forma,

Todas as cidades teriam como Tebas, sete portas de entrada. Da mesma forma que as portas das cidades ‘reais’ todas eram construções: umas de pedra, outras as das pesquisas, construções intelectuais que buscam dar conta das várias facetas da vida urbana no momento em que elas se problematizaram num bloco denominado pelos contemporâneos de *questão urbana* (BRESCIANI, 1991, p. 11)

Essas portas nos permitem estudar não apenas a cidade do passado, mas também a cidade que se projetou moderna. Sendo assim, as transformações sofridas pela cidade de Pombal fizeram com que a mesma estivesse envolta neste clima de modernização. Bresciani (1991) nos apresenta essas sete portas como metáforas conceituais onde poderemos adentrar a cidade, sendo a primeira porta a questão técnica lançado por um olhar técnico sobre a cidade que vai se pensar as ideais sanitaristas na perspectiva de sanear o espaço físico e moral da cidade com o discurso da modernização. A segunda porta seria a questão social e a preocupação em dar um destino às massas que tomam conta dos centros das cidades e acabam enchendo seus centros acarretando um certo rompimento com a ideia de modernidade marcada pela civilidade e pelo bom costume. A autora anuncia a terceira porta como sendo a que mostra a cidade pensada como espaço de formações de novas identidades sociais. A quarta porta está relacionada aos inter-relacionamentos dos habitantes e a cidade como o lugar das vivências das trocas de experiências. A quinta porta dá acesso à cidade conceitual, sinônimo de progresso, o lugar da história. A sexta porta abre o estudo sobre a cultura popular e a sétima e última porta está atrelada às sensibilidades dos homens, à maneira

como eles se relacionam uns com os outros. Dito isto, cabe entender que Bresciani afirma existir outras portas conceituais que podem ser abertas e a mesma afirma que o que irá decidir por qual porta entrará o historiador na cidade serão os documentos que o mesmo dispõe referentes à cidade em estudo, para tanto é necessário a análise de tais documentos.

Levando em conta o olhar dos historiadores e filósofos, podemos nos deparar com diversas formas de ver a cidade, em diferentes aspectos e tempos diversos. Leandro Konder (1994), com seu olhar filosófico sobre a cidade levou em consideração os primórdios das aldeias neolíticas, onde as pessoas começaram a se organizar através da agricultura, fabricação de cerâmicas e recipientes para o armazenamento de líquidos entre outros. Através dessas pequenas descobertas, a cidade iria ganhando forma até chegar às grandes metrópoles que conhecemos hoje. É evidente que esse foi um processo lento e gradual.

Konder ressalta que, com o desenvolvimento do comércio, as cidades começaram a ter um crescimento mais acentuado, pois desta maneira, as pessoas não trocavam apenas mercadorias, mas também experiências, porém, com o crescimento do comércio, podemos

observar que junto com a prosperidade vinham também os conflitos, pois cada um queria se promover, ganhar mais. Ainda na visão de Konder, com a concentração da propriedade, o desequilíbrio econômico crescia cada vez mais, e para enfrentar esses problemas, o governo tinha que agir de forma autoritária, ditatorial.

O autor explica que para facilitar a forma de governar nas cidades gregas, alguns habitantes tentaram fazer com que os cidadãos participassem mais no exercício do poder, onde muitos tentaram passar da monarquia e oligarquia para adotarem a democracia como forma de governo, tendo em vista que essa maior participação popular poderia melhorar a vida na cidade, porém, o que observamos é que boa parte da população não participava das decisões: “Em Atenas, no auge da experiência democrática, as mulheres, os escravos e os estrangeiros continuavam excluídos da cidadania” (KONDER 1994, p.74).

Na linha de raciocínio deste mesmo autor, a vida na cidade melhorou, porque essa maior participação, fez com que as pessoas aprendessem a conviver com os diferentes interesses, dessa maneira aprenderam a fazer política. O autor ainda mostra que essa vivência na cidade passou por diversas críticas, entre elas, a crítica feita pelo

comediógrafo Aristófanes, que afirmava que a cidade fazia com que os homens, afastados da disciplina militar e da rotina da vida rural se dedicassem excessivamente aos prazeres do sexo. Podemos observar dessa maneira que existia certa relutância por parte de algumas pessoas em se adaptar na cidade, a tê-la como lugar de morada, relacionando-a muitas vezes, a coisas depreciativas, ruins.

Torna-se evidente, segundo Konder (p. 75) que desde a antiguidade, a cidade aparece para muitos na forma de parasitismo, que levava a deterioração moral, ela era vista como espaço onde as pessoas se perdiam na promiscuidade, sendo dessa maneira, um local de prazeres ilícitos, de tentações e de perdição. Essa imagem ficou presa ao imaginário de algumas pessoas ao longo dos séculos. Segundo o autor, essa imagem cristalizou-se, e por esse motivo nós devemos desconfiar da mesma, devido à cidade estar muito além do que os nossos olhos podem ver, ela conta com aspectos mais complexos e mais sutis da vida urbana:

A desconfiança e a prudência são especialmente necessárias quando observamos as grandes cidades modernas. A realidade dos grandes espaços urbanos colossais, que se estruturaram a partir da industrialização, exige uma análise crítica muito cuidadosa, ao mesmo tempo implacável e sóbria (KONDER, 1994 p. 76).

O autor nos mostra que as cidades que temos hoje, são muito diferentes das cidades da antiguidade, da Idade Média e do Renascimento. Atualmente, a população urbana cresce em um ritmo bastante acelerado e isso acontece de tal forma que dificulta o contato entre os moradores da cidade, como exemplo disso, Konder usa o ensaio de Georg Simmel, no qual o mesmo explica que é bem mais fácil as pessoas se encontrarem fisicamente do que se encontrarem humanamente. Isso nos mostra o quanto vivemos escravizados pelas obrigações, estamos sempre correndo em busca de algo, tomados pelo desejo de ser ou ter que é própria dos moradores da cidade grande e moderna.

Em outra Escrita de Maria Stella M. Bresciani, a mesma observa as multidões mostrando o movimento de Londres e Paris no século XIX. Em sua obra: “Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza” podemos observar o quanto as multidões tornam a vida na cidade agonizante. A autora mostra que em Paris ao amanhecer do dia é possível observar o movimento dos trabalhadores se deslocando ao seu local de trabalho, e a noite os mesmos voltando ao seu leito, no interior de suas casas. Ao acabarem as movimentações do dia, outras pessoas tomam conta das ruas: “Os combates do dia se interrompem, os

soldados do trabalho repousam, os demônios despertam e preenchem o espaço urbano. A multidão é outra” (BRESCIANI, 1982, p.13).

Bresciani nos mostra que a noite das cidades é o lugar das prostitutas, ladrões, jogadores, entre outros “escondidos” na multidão. A noite é o horário em que as coisas ruins podem acontecer. Através da leitura e análise sugerida pela autora, podemos compreender um leque de informações a respeito da cidade usando como método a observação, pois através da mesma, distinguiremos os múltiplos sinais reconhecidos na cidade e para efetivar sua afirmação, a autora usa como exemplo a observação do modo de se vestir das pessoas, pois suas vestimentas falam por elas sem que as mesmas precisem abrir a boca: operários, policiais, viúva (é possível reconhecer essas pessoas apenas pelo modo em que se vestem). Apenas ao observar o movimento dos operários ao passar pela torre do relógio, dar para identificarmos o horário de entrada dos mesmos no trabalho: “Os das nove e meia corriam pressurosos, enquanto os das dez recaíam num passo de uma lentidão aristocrática”. (BRESCIANI 1992, p. 16-17).

Dessa maneira, o modo pelo qual olhamos para a cidade faz toda a diferença na análise que se faz nas descobertas. Uma outra possibilidade de abordagem sobre

a cidade podemos observar no texto “O direito à paisagem” de Olgária Matos, no qual a filósofa apresenta a visão de dois escritores sobre a cidade: Descartes, o filósofo que deu origem a filosofia moderna e Walter Benjamin, escritor da cidade em movimento, da experiência dos homens na cidade, os dois escritores oferecem modos diferentes de conhecer a cidade. Na visão de Descartes, cidade é um conjunto de ruas, praças, casas, equipamentos políticos, entre outros. Ele defende a cidade geometrizada, ou seja, para ele a cidade é o que está bem organizado. Ruas sem pavimentação, mal estruturadas, becos sem saída, ruas sem geometria, não podem ser incorporadas à cidade, pois sem a devida organização não fazem parte da mesma.

Esse método usado por Descartes para conceber a cidade é o cartesiano. Para ele, conhecer a cidade é conhecer o seu espaço, e esse espaço seriam as ruas principais, aquelas organizadas, bem planejadas. Dessa maneira, podemos observar que os marginalizados se tornam agentes excluídos da vida social cidadina, eles são deixados de lado nessa compreensão de Descartes.

Já o método mostrado por Walter Benjamin é o do tempo, ele não descarta o espaço, mas leva em consideração que os dois têm a sua importância. Não

devemos, segundo ele, nos rendermos apenas ao espaço, devemos nos remeter também, ao âmbito social, cultural e levar em consideração as vivências que as pessoas tiveram naquele espaço no decorrer de suas vidas; a cidade não é feita apenas de prédios, não se resume ao que sua arquitetura mostra, ela tem habitantes e esses suas histórias e peculiaridades, experiências vividas naquele espaço em um determinado tempo, que faz com que cada um tenha um olhar diferenciado dos demais sobre a cidade, cada habitante vê de acordo com suas lembranças, memórias de acontecimentos que ocorreram naquele espaço; um turista que visita determinada cidade pela primeira vez terá uma visão sobre ela totalmente diferenciada da visão de um morador que vive há muitos anos naquele ambiente, que possui uma bagagem cheia de vivências daquele local. Assim, a cidade é também o que os seus moradores e habitantes fazem dela.

### **1.1-O olhar do historiador sobre a cidade.**

Observamos com as compreensões acima que o estudo da cidade passa por uma importante mudança a partir do século XX. Essa mudança de paradigmas é mostrada no texto de Lucrecia D'Aléssio Ferrara

intitulado: “O texto em silêncio”(1988). Nesse estudo, a autora apresenta a questão da semiótica que no século XX começa a ser um campo de interlocução entre os historiadores do urbano. O texto traz a discussão sobre o fato de que, antes, a cidade não era vista como espaço a ser lido, a semiótica é, pois, o campo que transforma a cidade em um texto. Por isso, segundo o que a autora afirma, o historiador que vai estudar as cidades precisa aprender a ler os símbolos existentes na mesma, pois ela deixa de ter apenas a sua dimensão física para ter também a dimensão simbólica. A partir dos símbolos que tem certo significado para caracterizar esse espaço, ele não se restringe apenas a sua dimensão concreta, mas, sobretudo a essa apropriação simbólica das pessoas que vivem na cidade, da pessoa que pensa a ocupação da cidade e da pessoa que pensa a cidade como objeto de estudo que é o historiador.

Então, como é mostrado no texto, o historiador passa a ser o leitor do espaço, e através dessa porta escolherá por qual porta irá adentrar a cidade. Dessa maneira, observamos que, quando se pensa na história urbana, nos remetemos ao que os nossos olhos podem enxergar, o que há de concreto, porém a semiótica nos permite ter acesso a importantes lugares da cidade, ou seja, os signos, que presentes em uma cidade serão diferentes

para cada pessoa, pois cada grupo experimenta e vivencia a cidade de uma forma diferente, cada leitura feita sobre a cidade é feita a partir de um texto não verbal que pode ser reformulado.

Ferrara (1988) afirma que as fronteiras que definem os espaços na cidade não são feitas apenas pelos seus traçados nem com a dimensão física, mas muito mais com a sua dimensão simbólica, ou seja, o que a semiótica propõe a partir desse olhar que humaniza a cidade é torná-la um texto a ser lido e, segundo a historiadora, o que fica para o historiador urbano é o desafio de aprender a ler esse texto não verbal.

Ainda sobre a visão da autora, vemos que ler uma cidade na atualidade nos traz uma série de elementos que nos ajudam a construir uma determinada imagem e/ou uma interpretação sobre determinado espaço, e daqui a pouco tempo a mesma leitura pode trazer interpretações diferenciadas, porque outros elementos, outros signos vão entrar em cena e irão ajudar a reformular o espaço; o estudo sobre a cidade não se encerra, ou seja, nós historiadores entendemos que a história está sempre se renovando, sempre é possível que acontecimentos passados que tínhamos como verdade absoluta passe por uma reviravolta após descobertas de novas fontes

documentais que antes poderiam ser alheia aos historiadores e com esses novos questionamentos sobre a cidade.

Estes estudos pensam a cidade como referenciada no texto clássico: “O direito a cidade” de Lefebvre (2001), um dos pioneiros nos Annales, na sua discussão o mesmo afirma que a cidade está morta, no sentido de afirmar que a cidade morre a partir do momento que ela é deixada de ser entendida como esse espaço em constante transformação, quando você congela uma imagem ou perspectiva sobre a cidade, cristalizando essa imagem, não permitindo que ela seja entendida dentro desse processo histórico que está ligado a ela. Ele afirma que a vida urbana ainda não começou no sentido de que a gente ainda não tem ideia de urbano, essa ideia ainda está se constituindo, então as pessoas ainda não se reconhecem naquele espaço, nas práticas, nas vivências.

Lefebvre discute que não adianta mais partirmos dessa lógica de entendimento da cidade como um objeto que está pronto para ser revelado, você tem que partir de problemáticas da experiência que a própria cidade aponta para você enxergá-la como uma questão a ser trabalhada, segundo o mesmo, não impomos para a cidade aquilo que queremos trabalhar, ela que apresenta a problemática a

partir das vivências, das formas de habitar, de se comportar, de como iremos conseguir construir ou analisar essa realidade ou construir para a cidade uma determinada perspectiva de leitura. Ou seja, ele explica que a cidade precisa ser entendida dentro de um contexto histórico, segundo ele, não dá para você pensar a cidade como objeto, isolá-la e fazer uma análise da cidade como se essa análise não tivesse relação com o momento histórico e com as vivências da cidade, ele quer dizer que a cidade não é uma coisa distinta, ela não é algo que está isolado, pois sofre influências e influencia ao seu redor e é dessa relação que é possível estudar a cidade, construir para ela uma perspectiva de análise.

O autor trabalha mais na perspectiva de discutir esse lugar de afirmação da identidade, como é construído esse novo homem que vive uma experiência urbana. Segundo o texto, ele é construído na contraposição do ambiente urbano, então é esse novo homem que vai construir relações a partir de outros parâmetros que vai se contrapor ao homem do campo, pois o campo é o lugar do tradicional, do atraso; o lugar de modernização está na cidade. Segundo o texto, essa contraposição é feita pelo discurso científico, que está preocupado em promover essa transformação não só no ambiente, mas no corpo

daquele que habita esse ambiente, pois a gente precisa ser educada a conviver com essas regras, novas exigências para essa experiência que você irá vivenciar, pensando nessa ideia de que por mais que esse saber se pretenda racional, totalizador, normatizador e disciplinador, ele é um saber parcial e não dá conta de tudo.

É segundo essa perspectiva interpretativa que queremos entender as transformações que aconteceram em Pombal na sua arquitetura, no comportamento das pessoas, no seu modo de enxergar o mundo, e foram ocasionadas por uma série de interesses, principalmente por parte de seus governantes que pretendiam tornar Pombal uma cidade moderna, que pudesse se tornar referência onde as pessoas viveriam melhor e para isso as mesmas tiveram que se adequar a essas transformações, mesmo que muitas vezes, sem se dar conta desse processo, pois o simples fato de mudar o ambiente em que estamos acostumados a viver já influencia a nossa rotina, nossas práticas diárias e conseqüentemente o nosso comportamento.

Ao nos conduzirmos assim, concordamos com Lefebvre quando afirma que não pode mais pressupor que a cidade é um objeto neutro, devemos aprender perceber a cidade quanto pluralidade, enquanto constante

transformação, constante atuação, por isso que para ele é importante perceber o próprio processo histórico pelo qual passa a cidade, segundo ele, por mais que você construa e trabalhe em torno de uma delimitação espaço-temporal a cidade não é algo fixo que vai engessar mais o que você vai fazer, pelo contrário, você terá que situar aquelas transformações no tempo e no espaço, mas que elas não determinam que aquele seja o momento de caracterização da cidade e como se ela não fosse algo dinâmico e que daqui a uns anos você vai continuar a reproduzir aquela mesma imagem como se você pudesse construir uma imagem atemporal da cidade, que permaneceria cristalizada como se as experiências e o ambiente urbano não transformassem o próprio espaço ou a forma como as pessoas utilizam esse espaço.

## **1.2-Noções sobre a cidade: historiografia e transformações urbanas**

Outra questão que norteia nosso estudo é a história do tempo presente. No texto: “História do tempo presente: algumas reflexões”, Helena Isabel Muller (2007) propõe mostrar algumas considerações sobre a história do tempo presente, ela mostra que este é um campo novo da

história e por isso, alguns historiadores tidos como conservadores, tiveram uma certa relutância para aceitá-la, como numa entrevista onde Thompson afirma que o estudo do presente cabe a sociólogos e não a historiadores.

A autora agrega o pensamento historiográfico contemporâneo em dois grupos que indicariam duas amplas tendências da historiografia em relação ao tempo presente: o primeiro é a modernidade, que fazem uma história total, uma história de grandes narrativas, nas quais ciência, progresso, liberalismo, socialismo e conservadorismo desempenham papéis fundadores. Os historiadores que pertencem a esse pensamento histórico são, segundo a autora, de origem européia e tem no século XX, e mais precisamente na Segunda Guerra Mundial, o marco de distinção entre o que seria o tempo passado e o tempo presente na pesquisa histórica. O segundo grupo tem como referência, uma pós-modernidade, e não tem passado e presente como linhas divisórias para a escolha de seus objetos de estudo, esta escolha está informada pelo objeto de estudo em si, e a construção dessa delimitação temporal seria tarefa do historiador.

A autora ainda afirma que não existe passado porque um fato ocorreu em determinada data, mas sim, porque construímos essa identidade temporal ao

trabalharmos determinada questão. Entendemos a partir disso que não existe uma data certa para o início da história do tempo presente, essa se passa não há tanto tempo, pois apresenta grandes implicações e relevância para o presente e não há tão pouco tempo, pois entendemos que história do tempo presente é diferente de história imediata.

Dentro desse novo campo de estudo também observamos a obra de Pieter Lagrou, “Sobre a atualidade da História do tempo presente” (2007), onde o mesmo mostra exemplos de datas que definem o que seria o tempo presente, onde estaria essa linha divisória entre passado e presente, para isso, ele traz o exemplo de um livro publicado por Timothy Garton Ash, intitulado: “History of the present”, ao qual o mesmo defende a prática de uma história recente, feita com entrevistas, julgando-a muito importante apesar de muitos historiadores deixarem escapar os acontecimentos do tempo presente o que os proporciona um acesso sem precedente aos acontecimentos e protagonistas.

O autor ainda afirma que este livro serve para ilustrar duas ideias importantes: a primeira, recorrente que a história “muito recente” implica uma prática particular radicalmente diferente daquela de períodos mais antigos; A segunda, recente, que o presente entendido como o

conjunto de evoluções e acontecimentos em desenvolvimento, começa em 1989 e que tudo que vem antes, pertence ao passado. Segundo o autor, a história do tempo presente seria uma história feita a partir de relatos orais, uma história do vivo e dos vivos. Dessa maneira, tendo como norte a visão desses dois historiadores, compreendemos que a historiografia produzida por nós, se encaixa na história do tempo presente.

### **1.3-Cidade e Memória: construções imagéticas do lugar.**

Desse debate pensamos que é importante compreender que a história de uma cidade é construída a partir das vivências de seus habitantes nesse local. A cidade é o ambiente onde a vida acontece e cada pessoa vivencia a cidade de uma forma única, diferente dos demais. Assim é lugar comum afirmar que as memórias são construídas e reconstruídas incessantemente pelos diversos atores sociais que vivenciaram as transformações urbanas nas cidades (SOUSA, 2010, p. 114).

Diante disso, podemos afirmar que cada momento pelo qual a cidade passou foi vivenciado de uma forma diferente pelos diversos atores sociais. Ao historiador resta a tarefa de tentar entender o sentido que esses atores

deram a tais acontecimentos. Isso se torna claro na escrita de SOUSA (2010):

Essa é a maldição dos historiadores: saber o que aconteceu, mas não poder recuperá-lo na sua integralidade. Por mais documentos, informações e generalizações que façamos teremos apenas indícios vagos, imprecisos, cambiantes sobre o que aconteceu ou sobre o que ficou na memória dos nossos colaboradores e nos documentos inscritos (p. 119).

Podemos concluir que ao historiador não é dado o poder de reviver o passado, apenas lhe é dado o poder de analisar o modo como as pessoas reagiram diante do mesmo. Podemos analisar através das fontes documentais como determinado fato marcou o depoente, mas jamais iremos vê pelos seus olhos. Não sentiremos as suas emoções nem muito menos passaremos pelas alegrias, tristezas, anseios, entusiasmo entre outros sentimentos pelos quais aquela pessoa passou em determinada fase da sua vida, ora apresentada na narrativa.

Uma coisa é falar da alegria de alguém, outra coisa é senti-la. Posso ouvir uma conhecida falar da alegria em ser mãe, e se alegrar com isso. Porém, não posso sentir através do seu relato as emoções na mesma intensidade que ela sente. Ao segurar em seus braços aquele pequeno

ser que foi gerado em seu ventre, e que ali ficou por nove meses, ela imaginando como seriam as suas feições sentindo o seu desenvolvimento a cada dia através do aumento do tamanho da sua barriga, o batimento do seu coração, entre outras emoções, são coisas únicas que mesmo transmitidas oralmente jamais serão o real, apenas uma narrativa possível de ser construída para quem escuta.

Do mesmo modo posso ouvir alguém relatar a sua dor em perder o pai, outra coisa totalmente diferente é quando eu sinto em mim a tristeza de ter a certeza que não terei mais comigo o meu genitor, aquela pessoa que me ensinou grandes lições em minha vida a quem eu atribuo grande valor existencial. Há uma grande diferença entre ouvir a narração de algum fato e entre realmente vivê-lo.

Nesse sentido, se dá o ofício do historiador sobre cidades que é analisar como os diversos habitantes da cidade vivenciaram tal acontecimento. Não nos é dado o direito de revivê-lo, mas cabe a nós o dever de através dos documentos analisados imortalizar tais representações através da escrita histórica, pois,

A divulgação dos fatos é a certeza da perpetuação da história que guardamos como relicário. Portanto, para não esquecer é preciso lembrar. A propósito, recordar é impedir que o passado caia no ostracismo e a história seja

consumida pelo implacável tempo (VIEIRA, 2016, p. 43).

Para não esquecer é preciso lembrar. Uma frase tão óbvia que carrega um significado tão importante. A única forma de evitar o esquecimento é a lembrança. Eis a importância da memória, da história de um povo, o que é um povo sem história e como se faz história sem memória? É impossível. Nisso se efetiva a importância da memória tanto individual como coletiva para atribuir sentido à vida de um povo. Ao historiador cabe a competência de impedir que o passado caia no esquecimento, pois através do seu trabalho as memórias e os acontecimentos recebem maior visibilidade.

A história oral é o campo de possibilidade, de escutarmos as vozes e as experiências dos habitantes no fazer a cidade, vozes que foram silenciadas. Verena Alberti, fala da mesma como algo vindo do sujeito ou agente histórico que no depoimento fala de se em meio à narrativa que constrói,

É da experiência de um sujeito que se trata; sua narrativa acaba colorindo o passado com um valor que nos é caro: aquele que faz do homem um indivíduo único e singular em nossa história, um sujeito que efetivamente viveu e, por isso dá

vida a - as conjunturas - e estruturas que de outro modo parecem tão distantes (2004, p. 14).

Para nosso trabalho, seguindo as orientações dos estudos anteriormente mencionados consideramos como importantes também as memórias iconográficas e a partir delas as experiências diversas sobre a cidade. Para tal, reservamos uma discussão e apresentação dessa questão. No capítulo seguinte que de maneira mais detalhada irá lidar com as iconografias (imagens e/ou fotografias) da cidade de Pombal-PB que representam momentos do cotidiano, os espaços públicos institucionais a exemplo da Prefeitura, a Igreja Matriz, a Câmara de Vereadores; os espaços de sociabilidade, a exemplo do Pombal Ideal Clube, a Praça Getúlio Vargas, A AEUP (Coreto) cuja referência nos é apresentada numa linha de tempo que vai desde as imagens das décadas de 70,80, 90 (século XX) e as primeiras décadas de 2000.

## O IMAGINÁRIO ICONOGRÁFICO SOBRE A CIDADE DE POMBAL-PB: UMA VIAGEM NAS DÉCADAS DE 1970-2010.

Se propomos a enxergarmos a cidade de Pombal das décadas de 1970 a 2010 sob o ponto de vista da sua iconografia comecemos então a explicá-la em seu sentido mais clássico. O conceito básico, usado para a iconografia, está interligado diretamente à História da arte no que diz respeito ao conjunto de imagens, expressa em forma, sentido ou estilo de uma época com técnica definida, dando destaque a elementos diversos da cultura de um lugar ou de um povo.

Neste sentido, "toda arte quer representar o seu mundo, nós só o conhecemos mediante diferenças em relação ao nosso" (ZERNER, 1976, p. 154), com isso, interpreta-se que as representações de arte, fotos, símbolos e gravuras são em suma iconografias. E sobreas imagens da cidade elas englobam os recortes feitos, principalmente

sobre seus símbolos e espaços simbólicos, que como fontes histórias são sempre recortes do real.

No que diz respeito à cidade as imagens dela produzidas importam muito mais para quem a conhece. Porém, isso não quer dizer que seu sentido global não importe. Por isso,

Na globalização, o mundo é uma imensa cidade produzida pela colagem de outras cidades pequenas e grandes, reconhecidas e desconhecidas, diferentes e parecidas: esta cidade fantástica é o mega mundo tecnológico das metrópoles mediadas e produzidas pela relação complexa de múltiplas características econômicas, sociais e culturais (FERRARA, 2013, p. 35).

Neste sentido, a cidade, seja ela em maior ou menor escala, tem suas características próprias, dada a imagem que dela foi destacada e que faz sua história como símbolo de uma memória urbana. Ela é inserida em um contexto próprio, peculiar, já conhecido pelos que ali vivem e vai se tornando uma espécie de vitrine da memória local. Aqui são as iconografias produzidas e reproduzidas que fazem isso, fazem sua imagem, também produzem informações que geram representações e representações que geram informações.

Quando tratamos do espaço urbano por meio da iconografia, falamos de um lugar no qual a cidade se materializa, ganha corpo simbólico e expressão para compor a narrativa. A cidade é vista em coleções de fotografias que apresentam diversos espaços e tempo. Estas (imagens) estão sujeitas a interpretações de toda ordem, das pessoas do lugar e de outros visitantes. Outras são relicários do tempo histórico, imagens da cidade materializadas pela memória e história material. Vejamos a partir das imagens selecionadas essa situação:

**Imagem 1: Vista da Praça Getúlio Vargas – Pombal-PB**



Fonte: Arquivo de HW Comunicação

Como indicamos na legenda, a imagem acima é um recorte do centro histórico de Pombal, cuja praça que se nota é denominada de Getúlio Vargas. Sobre essa perspectiva VIEIRA (2016, p. 27) fala,

Num recente final de semana, recebi um casal desejoso de conhecer Pombal, atraído pela sua história. Aí, como um cicerone, percorrendo praças, ruas e avenidas, fizemos um passeio histórico e cultural, mostrando-lhes o que há de mais notável (...). De um lado, na parte elevada, a Igreja de N. S. do Bom Sucesso – a padroeira-erguendo suas monumentais torres, tal qual braços estendidos. Como um abraço divinal protege e acolhe a cidade e o busto do ilustre patrono<sup>1</sup> que pousa imponente na parte central (...).

Diante da fala do autor, podemos compreender que o recorte na imagem, representa não só uma parte da história, mas da memória que se confunde com a mesma no momento em que as pessoas são convidadas e passam a contemplá-la. O passeio relatado em detalhes cumpre um papel de repor no presente através da narrativa a

---

<sup>1</sup>Refere-se ao busto do Presidente Getúlio Dorneles Vargas que governou o Brasil a partir de 1930 e teve grande influência na administração municipal de nossa cidade. Isso se deveu ao contexto político de 1940 em que o então Prefeito de Pombal, Ruy Carneiro foi alçado ao posto interventor do Estado da Paraíba. Para substituir o mesmo veio do Rio grande do Sul um prefeito interino para Pombal, o senhor Jacob Franzl que em 1928 havia lutado na Revolta de Princesa como aliado do então Presidente da Paraíba João Pessoa. O cargo de Prefeito em Pombal fora dado a ele em reconhecimento aos seus serviços prestados ao Governo da Província.

imponência e o reavivamento de uma memória da cidade, as pessoas se sentem parte do lugar e se sentindo parte, também o constrói a cada olhar novo.

O passeio é mais que vagar por determinado local, é uma viagem que se faz e se apresenta como resgate da memória cultural. No passeio se torna possível ter uma amostra do passado que se fez história e está guardado nas lembranças dos transeuntes (VIEIRA, 2016 p. 32).

As palavras de Francisco Viera são uma amostra memorial destes recortes históricos. Sua fala lembra bem o retratista (termo antigo para nomear fotógrafo no início da década de 1920) que enquadrava o momento para a memória posterior, fazendo daquele instante um documento. De modo, que a Praça do Centenário se enquadra nesta vicissitude que representa a memória local.

Observemos mais uma imagem, cujo recorte e espaço é descrito na sequência,

Imagem 2: **Praça do Centenário**



Fonte: Acervo de Junior Telmo, 2009

Assim como as pessoas, também os acontecimentos e os lugares estão ligados às nossas vidas. Juntos formam o tripé da história. Por mais distante que seja o passado, sua lembrança irá sempre nos perseguir. Com base nessa premissa reporto-me ao Bar Centenário, talvez, o bem patrimonial mais importante de Pombal. Considerando sua constante presença nos grandes acontecimentos do município, seu valor sociocultural e histórico é imensurável. A praça surgiu em 1938, com a construção do coreto, na gestão do então prefeito Francisco Sá Cavalcanti, - primeiro eleito pelo voto- e concluído em 1940. Numa união perfeita, ao lado de outras construções monumentais como Praça Getúlio Vargas, Coluna da hora- hora sempre atrasada- Escola “João da Mata”, Cadeia velha, Pombal Ideal Clube e Igreja do Rosário e mais recentemente a AEUP- Associação dos Estudantes Universitários de Pombal forma-se o Largo do Centenário, um dos centros urbanos mais atraentes e fascinantes (VIEIRA, 2013, p. 95).

As palavras do autor condensam a centralidade da cidade e das paisagens que nela são destaque. A praça e o coreto figuram como símbolo de sociabilidade, ponto de referência histórica para os munícipes, para o estrangeiro (turista) e para todos que nela comtemplam uma espécie de espelho da cidade, algo que representa um recorte iconográfico do lugar. De modo que a imagens tem, antes de tudo, uma expressão, não apenas o que ela representa, mas aquilo que conseguimos apreender a partir do seu uso e do valor que damos a ela.

Abaixo temos uma imagem central da cidade de Pombal vista de cima em especial da Praça do Centenário, do coreto e todo o centro histórico da cidade que representa um espaço de encontro para as pessoas em geral.

Imagem 3: **Vista aérea do centro histórico de Pombal**



Fonte: Acervo Junior Telmo, 1990

Enquanto ponto de destaque, o centro histórico da cidade não é apenas isso, ele é a referência da expressão de sociabilidade dos habitantes de Pombal. No centro da imagem estão os marcos principais que compõem o centro histórico de Pombal como pode ser vista a Praça José Queiroga (Praça do Centenário) no centro com o Coreto (AEUP) que formam o largo da cidade. A ela se liga a Praça Getúlio Vargas a partir do relógio (Coluna da Hora) que vai a Igreja Matriz do Bom Sucesso com suas duas torres centenárias construídas em épocas diferentes. Além disso, vemos também a colonial Igreja do Rosário, símbolo da colonização do sertão do Piancó compõe o grande centro histórico da cidade como referências urbanas para os pombalenses.

A cidade em seu principal espaço de memória se transforma em cosmopolita, talvez não de costumes e consumos, mas de encontros. E isso revela sutilmente, que em um ponto determinado no tempo, uma paisagem representa diferentes momentos do desenvolvimento de uma sociedade. A paisagem é o resultado de uma acumulação de tempos (SANTOS, 2012, p. 54). Tempos estes que transformam o espaço arquitetônico em espaço de memórias.

Para cada lugar, cada porção do espaço, essa acumulação é diferente: os objetos não mudam no mesmo lapso de tempo, na mesma velocidade ou na mesma direção (Idem). O que muda na verdade são os olhares, que fazem dos objetos esta referida memória acontecer. Questão que abordaremos no tópico seguinte.

## **2.1- O ritmo da cidade: um olhar sobre a Pombal que se movimenta**

O ritmo da cidade durante a fase do dia nos traz a percepção de movimento e fluxo das pessoas diante da paisagem/imagem em que se enquadram no dia a dia. Por assim dizer, percebemos a necessidade de analisar as imagens levando em conta as principais maneiras de sociabilidade das pessoas neste espaço de tempo. Esta sociabilidade está posta no movimento de circular e se encontrar das pessoas pela cidade, exatamente, nestes pontos de referências tais como a feira livre, a Praça do Centenário, as calçadas das lojas em que as pessoas circulam, se encontram e trocam informações sobre si e sobre outros.

### Imagem 3: Circulação de pessoas na Feira livre de Pombal



Fonte: Arquivo da autora

Questão abordada por Wilhelm (2011) ao dizer que,

Na cidade, as atividades das pessoas e da sociedade como um todo movimentam e animam a paisagem urbana. São, ao mesmo tempo, fruidores da paisagem e protagonistas de sua criação e transformação. A relação entre pessoas e paisagem é inescapável: ela penetra na sensibilidade e no subconsciente, quando não na própria consciência. Para o bem ou para o mal (p. 58).

Neste sentido, a imagem expressa o que está para além do visual, de sua representação. É a estética do urbano em movimento constante através da comunicação ou das narrativas de si produzidas sem cessar.

**Imagem 4: Encontro das Praças do Centenário e Getúlio Vargas  
(detalhe para a Coluna da Hora em amarelo)**



Fonte: Arquivo da autora

A imagem acima mostra o local onde as Praças Getúlio Vargas e do Centenário se encontram, dois patrimônios que fazem parte da composição do centro histórico da cidade de Pombal. Na imagem, observamos a coluna da hora construída em 1940 durante o governo do Prefeito Francisco de Sá Cavalcante. Foi e ainda é usada como ponto de referência para o encontro de pessoas nas festividades no centro da cidade. Demarca um tempo e uma memória do mundo do trabalho em Pombal, remete a Fábrica Brasil oitocista que remodelou o cotidiano social da cidade e etc.

Recordo-me, quando junto com meus pais e irmãos vínhamos da zona rural, mais precisamente do Sítio Santa Maria para assistir à missa e participar da Festa do Rosário, única festa em que participávamos durante todo o ano, logo após meu pai ter recebido o suado dinheiro de sua roça de feijão a qual o mesmo plantava todos os anos ‘de meia’ com um dono de terra, já que ele não possuía terras para ali realizar o plantio de sua roça.

A Coluna da Hora, esse monumento-documento, para usar as palavras Le Goff (1990), com os seus quatro relógios que hoje, quando não estão parados, estão com as suas horas atrasadas, é um relicário da memória dos pombalenses. Hoje, como ontem, se constituem como lugar de referência do estar na cidade. Lá encontrávamos os nossos tios e primos para com eles iniciarmos uma seção de diversão, ao darmos uma ou duas voltas na roda gigante e tomar um sorvete (conhecido pejorativamente pela maioria dos pombalenses como “sebozinho”) que, junto com a compra das roupas, usadas para ir para à festa, terminava de onerar o restante do saldo do meu pai em mais de um ano plantando feijão.

Esta lembrança se traduz em memória, que por sua vez representa uma memória fotográfica como um recorte

do passado que nos possibilita um enfoque sobre a cidade pela ótica da lembrança recortada.

Nesta lógica é possível compreender que,

A fotografia é, antes de tudo, um olhar que recorta, seleciona, escolhe; um olhar subjetivo cheio de emoção e de uma idéia de mundo: um olhar que interpreta. E ao mesmo tempo um olhar que usa uma técnica e que precisa, de alguma forma, dominar a máquina. Mas a fotografia supõe, ainda, outro olhar: o olhar do apreciador, com sua história de vida, sua cultura, sua emoção. Não consigo pensar fotografia apenas como índice, metonímia, duplo do real e, apesar de reconhecer nela essa qualidade, vejo-a para além do índice, como possibilidade metafórica, texto indireto e cheio de reentrâncias, onde a coisa retratada pode esconder-se, e, no mais das vezes, esconde-se, para além da imagem, no imaginário (PINHEIRO, 2000, p. 130).

Apesar da autora se referir em linhas gerais a técnica da fotografia, ela fala daquilo que ela produz e que as pessoas também em sua memória, o fazem: recortam, selecionam e enquadram os lugares e paisagens conforme suas intencionalidades. Percebe-se, portanto, a cidade com seu olhar particular, imprimindo nela sua interpretação. O que faz com que nos deparamos com momentos de fluxo de olhares numa imagem que inspira encontros numa passagem de pessoas. Vejamos a imagem a seguir:

### Imagem 5: Calçada da Igreja matriz e Praça Getúlio Vargas



Fonte: Arquivo da autora

Na imagem anterior observamos algumas pessoas sentadas na calçada da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Bom Sucesso que fica localizada a frente da Praça Getúlio Vargas. Diferentemente da Praça do Centenário vista como lugar de encontro, a Praça Getúlio Vargas aparece mais como lugar onde há sempre um fluxo de pessoas, esses encontros são rápidos, pois as pessoas estão envolvidas nas suas tarefas do dia a dia. Esse ponto de circulação das pessoas é um corredor de passagem da cidade, elas circulam mais durante o dia envolvido nas suas atividades: questões políticas, culturais, pessoais que

envolvem a rotina desses transeuntes. Não se esquecendo que este também é um local de passagem dos fiéis que se encontram e trocam mesmo que rapidamente algumas informações aos domingos pela manhã e à noite para assistir à missa celebrada na matriz. Com nossa descrição desse espaço e com essa imagem queremos dizer um pouco da vivência das pessoas moradoras da cidade no seu dia a dia. São paisagens que se formam e informam também momentos em que são registradas.

Visto que,

Paisagem enquanto forma, a imagem corresponde a uma seleção perceptiva estética que, de modo espetacular, produz manifestações auto identitárias da cidade, até transformá-las em seus registros emblemáticos. Nesse sentido, a paisagem transformada em imagem da cidade constitui elemento visual que nutre a cultura urbana e a torna inconfundível (FERRARA, 2012, p. 47).

Vê-se desse modo que há um ponto de equilíbrio ou intersecção entre a imagem que se quer captar e a paisagem que, para nós habitantes desta cidade, é comum termos contato todos os dias. Abaixo temos o Mercado Público como uma paisagem da feira, ponto de encontros e fluxo urbano exemplos de paisagem e imagem.

## Imagem 6: Feira livre de Pombal



Fonte: Arquivo da autora

Na foto, são visíveis algumas pessoas transitando no que conhecemos como a feira livre de Pombal, onde na mesma são vendidas frutas, verduras, objetos plásticos, roupas, peças artesanais fabricadas em couro, peças em barro fabricadas, em sua maioria, pelas comunidades quilombolas existentes na cidade, animais como: galinhas, guinés, ovelhas, bodes, entre outros.

A feira tem um movimento menor durante a semana, quando apenas uma pequena parte de suas barracas ou lugares de venda são armados. É na sexta que o movimento na feira aumenta, quando os moradores da zona rural se dirigem até a cidade com as suas frutas e

verduras recém colhidas para comercializarem durante o restante da sexta até a tarde do sábado, quando esses feirantes voltam para as suas residências na zona rural em sua maioria em cima dos paus de araras, carros próprios e motos onde levam consigo os mantimentos da semana comprados com o dinheiro proveniente dos seus produtos comercializados na feira.

Vale ressaltar que, em torno de onde a feira acontece, ficam localizados outros comércios como: restaurantes, lanchonetes, óticas, mercadinhos, frigoríficos, entre outros que se valem do movimento dos feirantes para vender suas mercadorias tradicionalmente.

Diante das descrições e considerações sobre as imagens com as quais trabalhamos até aqui buscamos tornar possível a construção de narrativas sobre a cidade visando mostrar o que elas expressam das manhãs e tardes e do cotidiano social de ontem e de hoje. Para tanto, é preciso considerar que uma cidade constrói e é construída no movimento que ela proporciona aos seus habitantes e visitantes,

Andar pela cidade, perceber o traçado de suas ruas, estudar os estilos arquitetônicos de seus prédios ou o seu centro histórico nos abre a possibilidade de ver e viver a cidade em perspectivas plurais, mas que deixam ainda obscuras tantas outras possibilidades de leitura do espaço citadino (...). A cidade torna-se

plástica, moldável, maleável às falas de seus tantos habitantes, visitantes, urbanistas, cronistas, enfim, de todos aqueles que com ela vivem ou viveram algum tipo de relação – seja de identificação ou de estranhamento (CEBALLOS, 2017, p. 469).

A reflexão acima nos leva a enfatizar que é preciso considerar a importância desde a conceituação ou o papel do lugar do qual estamos falando: a cidade. Como um local de múltiplas interpretações e de ponto de partida para outras narrativas. A cidade se constrói por olhares das impressões como as imagens que estamos apresentando e que são partes do estudo. Elas são fonte de inspiração para a construção desse lugar que estamos configurando nesse trabalho.

## **2.2-A cidade que reluz: a praça do centenário como lugar de encontro na cidade de Pombal.**

*No resto do ano só fica a cidade* (DOMÈNECH, 2013, p. 51).

Neste ponto buscaremos discutir, a partir das imagens escolhidas, como a cidade se apresenta durante o período noturno em que seu ritmo é diferente, mais lento.

Aparentemente a cidade de Pombal tem um ritmo diferenciado durante a noite, pois seu acentuado pico de

movimento se dá durante o dia, salvo em tempo de Festa do Rosário que é a época onde noite e dia o ritmo se confunde com a quantidade de pessoas na cidade.

Iluminada desde cedo, por volta das 17:40 da tarde, a cidade se traduz em um misto de Paris com Londres e Rio de Janeiro numa versão sertaneja diminuta, mas que salta aos olhos de quem a enxerga tanto ao vivo como nas imagens reproduzidas por fotógrafos entusiasmados com o brilho da Terra de Maringá. Há na cidade uma calmaria, uma órbita de silêncios que só são rompidos pelo buzinar de algum veículo ou o choro agudo de uma criança em meio a Praça do Centenário. Ela se traduz em palco da noite!

Imagem 7: **Centro histórico em vista noturna**



Fonte: [www.facebook.com/pombalparaiba](http://www.facebook.com/pombalparaiba)

Como estamos querendo dizer, a Pombal que aparece a noite é distinta da Pombal que é vivenciada de dia: “É bem verdade que a chegada da noite, da amável noite, também se faz desejada pelos que trabalham; nessa hora o operário curvado pelo cansaço retorna ao leito” (BRESCIANI, 1992. p. 12-13). Assim, quando interpreta a realidade das cidades em tempos noturnos a autora menciona esse tempo de calma.

Assim, quando interpreta a realidade das cidades em tempos noturnos a autora menciona esse tempo de calma. Os atores que compõem o centro urbano da cidade a noite são outros. Aquelas pessoas que transitam na cidade durante o dia para as suas respectivas obrigações voltam para as suas casas e agora, o núcleo urbano é preenchido por outras pessoas: “os combates do dia se interrompem, os soldados do trabalho repousam, os demônios despertam e preenchem o espaço urbano. A multidão é outra” (BRESCIANI, 1992. p. 12-13).

Parafraseando Bresciani, que se reporta à noite da cidade de Paris, no século XIX, nos referimos à Pombal nos dias atuais que, assim como em Paris, tem o seu centro preenchido não só por pessoas diferentes como também com outras intenções. As pessoas que preenchem o tecido urbano durante o dia são compostas em sua maioria por

trabalhadores, já à noite a maioria das pessoas que se dirigem as ruas procuram descontração, atividades de sociabilidade, lazer, cultura, etc. O centro histórico ao qual falamos e demonstramos a partir da imagem acima selecionada, é produto de ações que demarcam a presença do Moderno na cidade de Pombal a partir dos anos 1930, são estes elementos que atraem e possibilitam a presença dos atores da noite que reinventam o espaço e produzem outras falas, outros olhares sobre esta cidade que em um processo mais evidente inicialmente nas capitais foi desenhando seus ares de modernidade, desde o início do século XX por estes signos a saber, a luz elétrica, o trem e as transformações arquitetônicas do espaço urbano.

Na historiografia paraibana como um todo, o estudo sobre as cidades vem ganhando destaque, coisa que em outros momentos já foi restrita a mera descrição de memórias, datas e acontecimentos importantes. Todavia ao lermos Serioja (1999) em seu estudo sobre os signos do moderno e suas dinâmicas na cidade de Princesa Isabel-PB dos anos de 1920 a mesma nos chama atenção para os novos olhares sobre a cidade e que na pesquisa estas aparecem tão ricas e tão diversa quanto no seu próprio cotidiano. O olhar sobre a cidade se traduz em enxergar

estes por menores do moderno que aqui já mencionados valem ressaltar: a luz elétrica, significado do progresso material e econômico, o cinema como signo do divertimento e do lazer das pessoas, o automóvel como status de poder para aqueles que podiam comprar e, acrescento eu me reportando à cidade de Pombal PB: a praça, o coreto, as calçadas largas ao redor da coluna da hora como signo de sociabilidade, de encontro dos atores sociais e culturais que a noite reinventa o espaço da cidade.

Imagem 8: **Rua Cel. João Carneiro – Centro**



Fonte: [www.facebook.com/pombalparaiba](http://www.facebook.com/pombalparaiba)

A fotografia que aparece acima mostra parte do centro histórico de Pombal de madrugada, quando as ruas já se encontram vazias, aos poucos a aurora de um novo dia aparece e as luzes que iluminavam a noite dão lugar a um novo amanhecer que surge no horizonte. Mais um dia se projeta, mais uma vez os pombalenses aos poucos se acordam para mais um dia de trabalho transitando as ruas de Pombal. A cidade é o lugar de suas vivências, sua moradia, seu trabalho, seus sonhos e decepções, é esse misto de sentimento e pertença que forma a cidade.

Deste modo, vale lembrar que,

Na cidade, as atividades das pessoas e da sociedade como um todo movimentam e animam a paisagem urbana. São, ao mesmo tempo, fruidores da paisagem e protagonistas de sua criação e transformação. A relação entre pessoas e paisagem é inescapável: ela penetra na sensibilidade e no subconsciente, quando não na própria consciência. Para o bem ou para o mal (WILHEIM, 2011, p. 58).

Em nossa cidade essa sensibilidade com relação as pessoas ganham um movimento de mais agilidade durante a já referenciada acima festa do Rosário, que dita o ritmo da noite e faz embalar todas as pessoas, visitantes ou moradores, na efervescência de uma vida sertaneja que sendo bucólica, de repente explode para pulsar com mais intensidade no mês de outubro.

Imagem 9: Vista noturna do Centro Histórico



Fonte: [www.facebook.com/pombalparaiba](http://www.facebook.com/pombalparaiba)

Atentando para o que já foi dito, vale explicar que a Festa do Rosário é a festa religiosa/profana mais importante da cidade (a festa da padroeira, Nossa Senhora do Bom Sucesso, fica em segundo plano). Nessa época do ano, mês de outubro a festa acontece, antecedida por nove noites de novena que acontecem a frente da Igreja de Nossa Senhora do Rosário co-padroeira da cidade. Na ocasião, os filhos de Pombal que já não moram na cidade retornam à cidade para vivenciar esse momento. Os filhos de Pombal aqui retornam para rever amigos e lembrar sua infância feliz.

As ruas do centro histórico ficam iluminadas pelas luzes dos parques de diversões instalados na cidade para a ocasião da festa que atraem a atenção da criançada e o dinheiro do bolso dos seus pais. A festa tem grande valor social, histórico, cultural por fazer parte da cidade desde tempos vindouros e por ter significado especial para cada Pombalense. Cada grupo participante constrói e significa esses momentos através de narrativas que se multiplicam sobre a cidade. A cidade não é uma múltipla quanto as narrativas que a constrói e desconstrói cotidianamente.

Nossa compreensão sobre este ritmo noturno da cidade é a de que ele representa uma sociabilidade característica do lugar. A cidade de Pombal que estamos discutindo, se traduz em suas imagens que aqui consideramos como as mais emblemáticas e que foram recortadas intencionalmente para dar ênfase a estes espaços. Outros espaços poderia ser objeto de nosso estudo, no entanto, o recorte e o objeto que delimitamos nos permitiu apenas uma análise sobre estes que nos intrigavam mais.

Portanto, no que diz respeito ao estudo da cidade e especialmente de nossa cidade, Pombal, tomamos por base refletir sobre os dois ritmos que tratam de uma cidade que se movimenta, mas por meio destes espaços e

paisagens nos levam a compreensão de uma cidade voltada para o centro, ou mesmo para seu centro histórico. Nele, gravitam aspectos de sua cultura, a história, o patrimônio, o poder e os ritmos de sociabilidades, encontros e desencontros dos munícipes. No capítulo seguinte nos importa mostrar a cidade de Pombal segundo as experiências relatadas por alguns dos seus moradores.

## OUVIR E CONTAR: MEMÓRIAS SOCIAIS SOBRE POMBAL DAS DÉCADAS DE 1970–2010

Antes de apresentarmos Pombal sob as lentes da memória, é preciso discutir um pouco sobre o conceito de memória como objeto de estudo. Neste sentido, “o estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, relativamente aos quais a memória está ora em retraimento, ora em transbordamento” (LE GOFF, 1990, p. 368).

Isso quer dizer, que a memória não é estática, parada como uma tela pintada, mas sim fluída, ela se move principalmente por que ao seu redor existe o esquecimento. Aqueles que lembram de algo esquecem outras coisas e assim se dá este vai e vem da memória com algo que não deixa de se transformar. Os que tecem as narrativas acerca da memória estão constantemente a elaborar suas versões com pontos de vista distintos e

variados é psicológico, algo do funcionamento da mente das pessoas que lembram e esquecem todos os dias.

Sendo assim, Le Goff (1990) esclarece,

O conceito de memória é crucial (...) A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas (p. 366).

Dito isto, podemos pensar a cidade como um lugar de memória e como referência para refletir sobre como este se constrói. A cidade é móvel nas suas linhas quando se trata de seus habitantes lembrarem ou esquecerem das transformações ao logo do tempo.

Por isso, Sandra Pesavento nos revela,

Os lugares de memória de uma cidade são também lugares de história. História e memória são, ambas, narrativas do passado que presentificam uma ausência, reconfigurando uma temporalidade escoada. São representações que dão a ver um “acontecido” que, a rigor, não é mais verificável ou sujeito à repetição. Mas o tempo passado não é irrecuperável, uma vez que, através do imaginário, se faz presente no espírito, dando-se a ler e ver através de discursos e imagens. Uma cidade é, pois, detentora de história e memória, assim como também o é desta comunidade simbólica de sentido a que se dá o nome de identidade. O centro de uma cidade foi, por muito tempo, o cartão de visitas de uma cidade. Mesmo que tais espaços tenham sofrido degradação, deixaram marcas, que

funcionam como padrões de referência identitária para uma cidade (2008, p. 4).

É neste sentido que o nosso olhar se atrai para o Centro Histórico de Pombal, ponto centralizador das referências recortadas pelos interlocutores a quem abordamos. É neste centro que a História de Pombal, e principalmente as suas transformações urbanas ganham corpo e forma dentro de um discurso da memória da cidade sob a perspectiva das vozes e do contar de alguns de seus moradores.

A frase que mais ecoa quando perguntado sobre Pombal é: A Igreja do Rosário e a Praça do Centenário. São espaços que estão cravados no centro, cartões postais da urbanidade e da sociabilidade no movimentar do dia a dia das pessoas. Torna-se rapidamente memória encrustada na cabeça dos mais novos, e é saudosa lembrança na mente daqueles que estão fora de Pombal, mas que sempre voltam à terrinha para matar a saudade na Festa do Rosário.

Nesta fase, todos registram pedaços da memória da cidade. São quase que o atelier de iluminuras mentais sendo registradas pelas diversas cabeças ou mesmo pelas câmeras profissionais e celulares. É este Centro Histórico

o protagonista e testemunha das transformações da memória social de Pombal.

Cabe dizer, portanto, que é preciso estar atento para esta memória e seu valor simbólico. O uso dela é feito de várias maneiras e de forma diversa por todos. A praça grande (Praça do Centenário) a praça do relógio ou da matriz (Praça Getúlio Vargas), o Coreto (AEUP) e a Igreja Velha (Igreja do Rosário) são símbolos da memória social dos pombalenses e tem uso próprio quando recorrentemente são citadas, visitadas e em alguma medida afetivamente preservadas pela população.

Estes lugares centrais da cidade funcionam como elo de encontro, como canal de comunicação e como “espaço da saudade” revelando a cidade em sua nostalgia diária, em sua construção de espaço urbano que se transformou ao longo dos seus centenários. O pouso e repouso da memória dos mais velhos e da talvez apercebida memória dos mais novos vão lapidando a cidade em sua centralidade todos os dias.

### **3.1- Um olhar sobre os entrevistados: Marcus Bandeira, Thiago Farias e Francisco Vieira.**

As impressões dos entrevistados, como vozes importantes na construção desse capítulo, certamente nos levam à necessidade de um olhar social dos indivíduos. Quem são, suas identidades e personalidades, se faz mais que necessário expor aqui.

Tratar da apresentação de nossos entrevistados é relativamente fácil, tendo em vista que se tratam de pessoas do nosso convívio social. Pessoas que escolhemos mediante o lugar que ocupam na cidade podendo eles ao seu modo nos ajudar a apresentar a cidade aqui considerada como a Pombal moderna.

Sendo assim, passo a apontar as minhas impressões sobre os entrevistados pontuando cada um de acordo com a sequência das entrevistas. Ainda vale informar, que o uso da entrevista foi aqui preferido como umas das fontes utilizadas neste trabalho pelo seu valor de depoimento e documento. Passamos então às impressões.

Marcus Bandeira de Sousa (In Memoriam, 1962-2019) era um conhecido comerciante da cidade de Pombal. A nossa entrevista aconteceu nove meses antes do mesmo falecer, vítima de um infarto, enquanto festejava o carnaval

na cidade de Olinda, Pernambuco. Sempre fomos muito próximos e o motivo que me levou a entrevistá-lo foi o fato dele sempre se reportar à sua história particular, vivenciada na cidade de Pombal. Ele era filho de comerciante, porém o mesmo fora criado pelos avós no sítio Lagoa Escondida, município de Pombal, local onde residiam e desempenhavam atividades agrárias, próprias dos residentes da zona rural. Dessa forma, Marcus vivenciou muito bem a dicotomia urbano/rural em sua infância e, em decorrência, ser apto a nos informar sobre as transformações da cidade de Pombal, em seu processo de modernização.

Ao ser entrevistado Marcus se reportou à sua infância e adolescência na cidade de Pombal. Falou de seus costumes, brincadeiras, hábitos e até mesmo da forma rigorosa pela qual foi criado. Ele fez um comparativo da sua infância com a infância que é vivenciada pelas crianças de hoje. Recordou a tão bem vivida adolescência ao lado de amigos, os banhos de rios, festas em finais de semana, entre outras coisas.

Questionado sobre o crescimento da cidade de Pombal atualmente, comparando com a Pombal que ele conheceu na sua infância, Marcus relatou que muita coisa havia mudado, pois a cidade havia passado por uma série

de mudanças tanto na sua parte material como os próprios costumes das pessoas. O entrevistado lamentou o fato de apesar de haver algumas mudanças a cidade poderia ter crescido mais, e segundo ele, o que impossibilitou tamanho crescimento sempre foi uma luta desleal das elites locais que se revezam no poder há muito tempo e que travam o desenvolvimento da cidade.

Levando em conta todo o contexto e a narrativa tecida por Marcus, a entrevista foi bastante proveitosa, levando em consideração que o entrevistado nos apresentou uma cidade a qual não conhecíamos, e que só foi possível termos acesso a mesma graças ao relato de sua vivência.

Thiago dos Santos Farias (30 anos) licenciado em História pelo Centro de Formação de Professores de Cajazeiras - PB. Nascido em 1989 reside na cidade de Pombal desde esta data. Meu contato com o mesmo se deu nos corredores da UFCG na cidade de Cajazeiras quando ambos estávamos no curso de história. Mesmo sendo conterrâneos não foram as ruas da cidade natal palco da nossa amizade.

Thiago era monitor da disciplina de Projeto de Pesquisa III, ministrada pela professora Rosilene Alves de Melo, quando começamos as nossas conversas. Logo

percebi que ele era um rapaz muito inteligente e de um grande conhecimento em sua área de estudo, além de detentor de uma humildade sem tamanho. Embora muito inteligente, nunca se vangloriou disso, qualidade invejável e rara no meio acadêmico.

A entrevista com Thiago foi de grande importância para esse estudo pelo fato do mesmo estar inserido nessa massa jovem que transita na cidade, que pesquisa, estuda as mudanças, que ao contrário dos demais entrevistados, por ser jovem faz uma análise mais voltada para o presente do que um comparativo a Pombal de décadas atrás. O entrevistado analisa e critica as mudanças na arquitetura da cidade. Isso porque, segundo o mesmo, as mudanças são positivas no sentido de serem responsáveis por um crescimento comercial da cidade, mas em contrapartida ele explica que essas mudanças são responsáveis por fazer parte da história patrimonial da mesma desaparecer de certo modo.

Francisco Vieira nascido em Pombal em 1950, professor de Ciências Naturais (atualmente aposentado), ex-secretário de administração no governo Azenete Olímpio de Queiroga (1992-1996) e escritor pombalense, foi o único que não conhecia pessoalmente antes de decidir entrevistá-lo. O meu conhecimento em relação ao

mesmo se resumia as páginas dos livros e artigos aos quais o professor escreveu e escreve com grande maestria e sabedoria, que me encantava e ainda me encanto toda vez que os leio. E que grande ser humano Vieira é! Desde o primeiro contato me atendeu de forma solícita e educada; marcamos uma visita onde me dirigi a casa do professor e lá fui recebida por ele e sua esposa Lenice, que com carinho fraternal me acolheram para a entrevista. Me senti como na casa dos meus pais, na presença daquele amável casal. O nosso primeiro encontro teve o objetivo de apresentação da minha pessoa e do meu trabalho em si, onde desde o primeiro momento contei com o apoio do Professor.

Marcamos uma segunda visita onde a entrevista se concretizaria e assim aconteceu. Vieira falou sobre a sua infância e adolescência na cidade de Pombal. Falou do seu trabalho na educação, da sua vida pessoal, como o mesmo viveu sua juventude, e de quando encontrou o amor ao lado de Lecine. Constituindo família e cultivava esse amor vibrante até hoje.

Viajamos um pouco na narrativa sobre a sua adolescência quando o mesmo curtia as festas tradicionais da cidade. Falou da educação recebida por seus pais, dos

seus alunos, colegas de trabalho, e entre tantas coisas falou do amor que ele sempre sentiu e sente pela cidade.

Vieira lamenta por cada prédio histórico que foi derrubado pra dar lugar a alguma casa comercial moderna. Como ele sente falta da Pombal que foi palco de sua vida e que hoje tão modificada só lhe deixa saudades. Mas Vieira ama essa cidade e sonha que a sua história seja lembrada por seus habitantes e que os poucos prédios históricos que lhes restam, sejam preservados para que o futuro da nossa cidade tenha essa memória e história guardada para os que virão depois.

### **3.2-Falas de experiências urbanas acerca de Pombal, ontem e hoje.**

Aqui pretendemos fazer uma análise das falas dos entrevistados focando nos aspectos históricos sobre Pombal, com vistas a compreender transformações ocorridas ao longo do tempo atreladas a um olhar sobre o espaço urbano que aparece nas falas coletadas e compreendendo a importância da oralidade neste estudo.

Por isso, cabe afirmar que, campo da oralidade, as entrevistas são a ferramentas de grande importância para compreender o modo de pensar daquelas pessoas que não

aparecem na narrativa oficial. Em Pombal procuramos dar voz a estas pessoas, gente do povo que em menor ou maior grau desempenham papéis diferentes em suas profissões, mas que tem um olhar sobre a cidade que em determinados pontos podem vir a convergir.

E assim tratamos de pensar estas entrevistas como documentos históricos produzidos sob a ótica da intencionalidade de seus interlocutores sobre a cidade. E nos falar suas impressões, suas frustrações, desalentos, mas também suas alegrias, saudosismos e sentimentos de felicidade. De tal forma, que sobre cada entrevista o olhar será de tentar extrair o máximo de informações que possam ser fornecidas pelos entrevistados. Ver seus limites e os limites de suas interlocuções ao se expressarem sobre os assuntos narrados.

Deste modo, é possível refletir mais um pouco sobre a importância do que se pretende fazer com as entrevistas. Isso por que, a investigação realizada pelo nosso estudo deverá concluir esta pesquisa sob a base das impressões e diálogo com os entrevistados.

Por isso, pensemos que,

O pesquisador pretende ver o que é relevante para sua investigação. Diante das entrevistas, pode-se fazer recortes das partes do todo para atender aos objetivos propostos pelo estudo, tendo

ciência de que tais recortes devem respeitar a perspectiva da narrativa apresentada pelo entrevistado. Aí está um dos compromissos éticos do pesquisador com os sujeitos e com a pesquisa: ao fazer uso dos depoimentos, deve respeitar e procurar ser fiel à visão do entrevistado (ALVES, 2016, p. 5).

Como bem afirma a autora o respeito ao entrevistado (sua fala) necessariamente deve ser o norte da análise que se pretende realizar. Extrair suposições que não possa ser confrontada com outras memórias ou documentos para eventuais correções é um risco. Põe-se aí uma questão ética de respeito pelo interlocutor e a imprescindível valoração de sua fala, compreendida dentro do contexto e condições em que a mesma foi apresentada.

Abre-se, portanto, a questão fundamental da pesquisa que o uso das falas dos entrevistados para assim proceder as análises, os comentários e as reflexões pertinentes ao estudo. Uma seleção de recortes será manejada a partir de então para que possamos compreender como os interlocutores abordados trazem Pombal em suas memórias e impressões.

Iniciamos abordando as memórias do senhor Marcus, primeiro entrevistado, que nos conta sobre a Pombal em que viveu quando jovem:

Antigamente tinha a Associação universitária de Pombal a AEUP que era onde todos os jovens se encontravam, era na AEUP inclusive, hoje se chama DJ, mas na época se chamava controlador de som, e eu trabalhava lá final de semana mas lá também começava de 08:00 horas da noite e terminava de uma hora da manhã também não podia passar disso não, a diversão de Pombal era essa daí, a não ser quando viesse vaquejada, Festa do Rosário, Aniversário da cidade e tudo, mas no mais a diversão era essa aí, algumas festas que aconteciam, muito pouca mas aconteciam, onde hoje é o Hotel Rio Verde, antigamente era a Palhoça Panati, tinha o jovem clube ali de frente a Ótica A Graciosa e tinha o Pombal Ideal Clube que eram os canto onde tinha festas quando tinha, final de semana, geralmente naquele tempo funcionava a AEUP e o jovem clube funcionavam os dois e o Clube variava tinha final de semana que tinha festa com banda e tudo. De dia ia pro rio, nesse tempo ninguém bebia, o povo bebia pouco não tinha esse negócio de você ir pra bar beber não, o pessoal ia pro rio que Pombal inteiro era aí dentro desse rio do grande hotel que era o rio mais procurado aqui, no Areal era muito pouco, mas iam pro Areal também, antigamente o rio você podia tomar banho, a diversão era no rio, você chegava de 10, 11 horas saía de 2, 3 horas da tarde. Aí de noite no final de semana, antigamente tinha missa no sábado e no domingo, quando você não ia no sábado ia no domingo, aí pronto descia pra rua ficava todo mundo reunido ali, o foco era a AEUP associação dos estudantes universitários de Pombal e hoje tem o prédio, mas não tem mais a diversão. Eu descia *pra* Praça de noite ficava uma turma sentada, conversando até dar 10, 11 horas pra vim pra casa. Na semana eu ia pra escola, eu estudei no Colégio diocesano, onde

hoje é o polivalente, estudei no Josué Bezerra onde hoje é o colégio “Decisão” e estudei no colégio estadual (MARCUS, 2018, trecho A).

A partir deste recorte o entrevistado fala dos locais de divertimento para os jovens durante sua infância e adolescência. Pontos de encontro onde os mesmos se encontravam em busca de diversão sem se envolver com bebidas alcoólicas ou brigas, a diversão dita saudável. Sua memória parece ser saudosa, a impressão estampada em suas palavras é a de um tempo memorável em que as coisas aconteciam com naturalidade, as pessoas e os lugares tinham uma clara sintonia. Não era difícil fazer essa associação do lugar com as pessoas, pois como bem coloca o entrevistado estes lugares pareciam ser de bom agrado para aqueles que frequentavam. Tudo em sua fala denota que os espaços constituídos como praças, palhoças, igrejas e até mesmo o rio faziam parte da vida das pessoas como um todo.

Marcus se reporta a sua infância sempre frisando que durante a mesma, os meios de diversão eram inocentes e todos se divertiam sem prejudicar uns aos outros. Talvez a memória do mesmo esteja ligada a Festa do Rosário, como momento de diversão nos parques e o sentimento de acolhida que tomava conta da cidade nesta época (ainda

hoje toma), ou mesmo aos banhos de rio que frisou ser um lugar aprazível, de relaxamento em que todos podiam frequentar com a liberdade que hoje talvez não seja vista.

A cidade aparece como palco de divertimento de uma juventude que apesar de muito ativa eram jovens que cumpriam regras e demonstravam sempre uma grande obediência e respeito para com os mais velhos. Estar em casa na hora certa era regra de ouro por assim dizer. Ou mesmo ser levado a cumprir esse horário advertido por algum conhecido mais velho que encontrassem na rua. É possível compreender em sua fala onde cita os lugares e clubes de festas como AEUP, Palhoça Panati, Pombal Ideal Club e o Jovem Club, lugares estes que para Marcus são os símbolos de alegria e felicidade dos jovens da cidade. Divertir-se era libertar-se do cotidiano normal e tomar para si as alegrias de ser jovem numa pacata cidade do interior. Estes lugares ainda hoje são palco de encontros e de alegrias, talvez não como outrora, mas certamente ainda despertam algo de bom nos pombalenses.

Além deste trecho, tomamos outra parte da fala de Marcus como importante e que destaca seu olhar sobre as mudanças que a cidade passou, mudanças que refletem a cidade, do nosso recorte temporal e de nossa abordagem,

a Pombal moderna. Neste sentido, deixamos que o entrevistado nos apresentasse sua cidade.

Você enxerga algum progresso na cidade? Se sim destaque-os. Olha hoje em dia é tudo mais fácil, certo? O problema é essa politicagem que existe que se um partido A fizer o outro não faz, mas isso também já foi de muitos anos Pombal vem de lá pra cá, isso prejudica nossa cidade, eu creio se a cidade da gente tivesse mais indústrias que empregasse mais pais de família não estava essa situação assim, onde aqui as pessoas dependem de estado, de prefeitura, município 90 % desse pessoal tem esses empréstimos consignados, são todos endividados, não tem como uma cidade dessas sobreviver, é um milagre quem coloca comércio aqui, por que não tem renda pra isso, mas também não tem nenhum político que queira implantar uma indústria para virar dinheiro em Pombal. Antigamente tinha um senhor aqui que era maçom ele era venerável era seu Vicente da farmácia, ele queria implantar um sistema que tem em Campina Grande, uma Fábrica de roupas ia botar aqui, dar emprego a mais de 500 pais de família, mas quando foi implantar aqui os políticos não deixaram, eles acharam bom implantar aqui em Pombal porque aqui tem água perene aí não deixaram, aí seria bom se tivesse né? Mas para os políticos não é uma boa, então o que atrapalha a cidade são os políticos, no dia que tiver uma indústria, uma fábrica que empregue o pessoal de Pombal a cidade será outra, por enquanto eu não vejo meio de desenvolver não porque a cidade não cresceu, no meu ponto de vista, a cidade ela ta inchada porque o desenvolvimento de uma cidade depende das indústrias e aqui não, ta acontecendo uma seca grande dessas, todo mundo que mora no sítio não ta aguentando vem embora pra rua aí vai inchando, o pessoal vem do sítio pra cidade, chega aqui não tem

emprego, não tem como trabalhar então não tem como uma pessoa dessas sobreviver não, por milagre uns tem a aposentadoria dos pais e avós ai vão levando, uns vão embora vender rede, outros vão embora pra São Paulo e os que ficam vão se rebolando por ai, vê o que dar, tem uns que levam sorte pegam um empreguinho ai ainda segura outros pega, solta e fica assim (MARCUS, 2018, trecho “B”).

Em outro ponto, Marcus passa a falar de outra forma sobre a cidade, trazendo uma fala negativa, que compreendemos ser um desabafo seu sobre a mesma. Ele a apresenta de forma triste, pois deixa transparecer o quanto o mesmo lamenta os rumos que a cidade tomou e vem tomando com o passar dos anos. Fala que a mesma não está alcançando o avanço que deveria alcançar isso por má vontade e até “pirraça” dos políticos que estão à frente da cidade. Em sua visão, os políticos e gestores da cidade de Pombal, em sua maioria, prefere ver a população sofrendo e mendigando favores políticos, a ver essa mesma população crescendo economicamente. Fator que para Marcus prejudica o crescimento industrial e econômico da cidade e afasta os possíveis benefícios para todos.

Certamente nos cabe interpretar na fala de Marcus certa insatisfação pelos rumos que sua cidade tomou. Sua relação com a cidade é saudosista, talvez por

isso ele sempre se remeta ao que deixou de acontecer ou que poderia ter acontecido em benefício da cidade. A imagem da cidade aparece como o progresso possível, daquilo que deveria ter sido realizado e que ainda pode ser feito. Desse modo, conhecemos na fala de Marcus um pouco da cidade como um espaço de saudade, um espaço de sofrimento e de esperança em dias melhores.

Ao tratarmos também da cidade outra fala se torna também importante pelo perfil do entrevistado que sendo jovem tem certamente um olhar diferenciado sobre a mesma. Trata-se da Pombal sob a perspectiva de Thiago Farias, professor de História, relata o seguinte:

O centro histórico ele é bem simbólico, porque o centro histórico de Pombal é nele que se concentra boa parte daquilo que a gente chama o poder institucional, o poder constituído. É no centro histórico da cidade que fica a prefeitura, é no centro histórico da cidade que fica os principais bancos, o colégio mais importante e mais antigo da cidade, que é a escola “João da Mata”, é no centro histórico da cidade que ficam as igrejas mais importantes da cidade, e aí falando especificamente da Igreja católica né, a Igreja Matriz e a Igreja do Rosário, que é uma Igreja bicentenária vai agora na próxima década, no início da próxima década irá completar trezentos anos da sua construção, então é um espaço em que a população se identifica como sendo o espaço de poder, o espaço de socialização, porque a gente tem duas praças que se encontram a Praça Centenário onde tem

o bar centenário, o coreto e a Praça Getúlio Vargas que é nomeada assim porque tem um busto de Getúlio Vargas e são locais de sociabilidade onde as pessoas se encontram, onde acontecem grandes eventos da cidade, tem a parte arquitetônica dos casarões que ainda resistem as questões de depredação do patrimônio histórico, cultural, mas ainda é um centro histórico bastante simbólico, bastante significativo, não só para mim mas também pra população também (THIAGO, 20117, trecho “A”).

Em sua fala Thiago Farias enfatiza a arquitetura da cidade destacando o seu centro histórico, que é o local onde se encontram os principais prédios da cidade, prédios históricos que guardam em suas paredes boa parte da história da cidade sendo palco de grandes acontecimentos ao passar dos anos. É nesse centro histórico onde acontecem também as principais festas e eventos da cidade, onde os encontros acontecem se tornando dessa maneira um local de sociabilidade e de grandes lembranças na memória de boa parte dos pombalenses.

Ele destaca as igrejas católicas que carregam lembranças religiosas, que se convertem em eventos como missas, batizados, casamentos, entre outros eventos que acontecem nesse local e que marcam a vida das pessoas que deles participam. Também destaca a importância das praças, do bar centenário, da coluna da hora por ser um

local de encontro e palco de festas onde a população se encontra para prestigiar esses acontecimentos.

Em outro trecho diz,

Você vai ver se você observar o centro histórico da cidade na década de 90, e for observar o centro histórico nessa nossa década, segunda década de 2000, você vai ver que a mudança significativa é no desaparecimento de alguns casarões antigos, então isso é bastante significativo porque é uma parte da história que desaparece, as transformações que ocorreram e que culminaram com isso, foram em virtude de empreendimentos comerciais, em virtude de locais de residência que foram construídos, e uma parte desse centro histórico desaparece, você ver, a lateral, no sentido Leste-Oeste que é o sentido que vai pra o rio, o rio que corta a cidade, você tem ao lado direito a Rua Candido de Assis Queiroga, que ali existiam inúmeros casarões, e hoje só existem algumas poucas casas, inclusive onde hoje se localiza o banco do Brasil, existia um casarão que era bastante significativo que era chamado O casarão de Odilon de Assis, que foi prefeito da cidade e tudo mais, e depois esse casarão passou a família de uma senhora que era benfeitora da cidade que era chamada Dona Neca, e ali tinha uma sacada que dava pra fora, uma janela única a frente do casarão, as portas eram laterais, era uma arquitetura bem importante e interessante e que no final da década de 90 foi demolida pra dar lugar ao Banco do Brasil um prédio moderno que já passou por várias reformas, ou seja, uma parte da história que desaparece pra dar lugar a um progresso material e que não só esse lado da cidade como também outras partes vão acabar sendo afetadas por essa questão do progresso material (THIAGO, 2017, trecho “B”).

No depoimento de Thiago Farias ele faz uma crítica a destruição de alguns prédios históricos da cidade ao passar dos anos para dar lugar, na maioria das vezes, a prédios comerciais. Ele se queixa por que, embora exista um certo investimento com avanços econômicos na sua área comercial, com a demolição dessa parte arquitetônica mais antiga da cidade é destruída também parte da história dessa terra que cai no esquecimento.

Por ser professor de História, o entrevistado tem uma fala voltada para a defesa da mesma, seu lugar social grita literalmente por uma postura de preservação dos espaços da cidade. A memória, a parte da história material para ele são pontos chave para o mesmo. Sua fala sustenta a necessidade de proteção do espaço urbano da cidade que vem sendo encolhido pelo progresso material e comercial. Toma-se, portanto, essa fala como uma proteção desejada que alerta para as perdas durante o processo de descaracterização dos espaços urbanos da cidade que ocorreram nos últimos anos, algo a ser refletido por todos nós pombalenses.

Ademais completamos nossas reflexões com a fala de Francisco Vieira, professor e escritor pombalense que fala da cidade e de suas impressões sobre a mesma na perspectiva do seu tempo de vivências cotidianas.

Diz ele,

Eu quando criança principalmente na adolescência eu me identificava com todos os costumes da época, eu fui um jovem sonhador, eu gostava de esportes, jogava futebol, eu fui muito festivo, muito festeiro, gostei muito de festas, como todo rapaz frequentei muitas festas, namorei muito, e sempre gostei de dançar, vestia a moda, usava a moda da época, me lembro bem uma moda que agradou muito era a calça boca-de-sino, sapato a gente chamava cavalo de aço, camisa de viscose ou camisa banon e usava os perfumes da época, fumava, bebia, era um jovem sonhador, muito metido a conquistador. Sonhei e realizei muitos sonhos importantes, outros se transformaram em frustrações, mas eu me identificava dessa forma, eu participava de tudo que Pombal oferecia na época, em matéria de esporte, cultura, era estudante, sempre gostei de estudar, sempre fui muito elogiado pelos professores pelo meu comportamento, pela minha dedicação, nunca fui um aluno trabalhoso, e dessa forma eu passei a minha juventude. Olhe eu vivi uma juventude, uma adolescência que eu não troco por época nenhuma, a minha fase foi maravilhosa participei de tudo, de tudo que um jovem podia fazer eu fiz, dentro dos limites agora eu era muito temeroso também, meus pais eram muito rigorosos, meu pai me aconselhava muito e eu evitava muito de expor. Bebi muito, fumei muito, todo isso eu fiz na minha vida agora sempre com muita dignidade. O Vieira dessa época era esse, que apreciava tudo isso (VIEIRA, 2018, trecho “A”).

O professor Vieira em seu depoimento se reporta a sua infância e adolescência na cidade de Pombal

narrando como ele e seus amigos vivenciaram sua juventude tendo as ruas da cidade de Pombal como palco de suas brincadeiras, namoros e diversões. Torna-se evidente para quem ouve ou lê as narrativas de Vieira o quanto ele viveu feliz na cidade e que por ela ele tem um amor imenso, embora lamente algumas coisas que acontecem por aqui.

Ele deixa claro para quem possa ouvir que não existe um lugar melhor para se viver. O entrevistado descreve a moda que vestia na época de uma forma tão clara que conseguimos idealizar em nossa imaginação o jovem assim vestido.

Francisco Vieira descreve o tipo de diversão dos jovens de sua época, explica que bebeu, fumou que tudo que um jovem poderia fazer ele fez, porém sempre com dignidade evitando exposições para não envergonhar os seus pais. Ele enfatiza que embora tenha sido um rapaz amante do divertimento também era bastante responsável, estudou conseguindo se formar e chegar a profissão de professor entre outros cargos importantes que o mesmo exerceu durante a sua vida.

Podemos observar nessa fala de Vieira uma diferença interessante dos jovens de sua época com os jovens desse século, já que a maioria desses que se

envolvem com prazeres lícitos e ilícitos acabam deixando de lado os estudos e os sonhos de serem bem-sucedidos na vida profissional.

Em outro momento Francisco Vieira também fala,

Pouco se tem, na minha visão, a se contar em mudanças significativas. Veja bem, podia-se falar na questão paisagista, na arborização de Pombal, quando eu era garoto, depois já jovem a vegetação de Pombal era *figus* depois mudou pra Algaroba ,um dos prefeitos arborizaram a cidade com Algaroba depois vieram outros e mudaram para Acácia, vários tipos de Acácia, quer dizer nunca houve uma arborização intensa que viesse mudar o aspecto paisagista, o embelezamento da cidade. Uma outra coisa também negativa, foi a demolição de vários prédios históricos do centro da cidade e até deslocados do centro que deviam ainda está ali. Eu vou citar, por exemplo, a atual agência do Banco do Brasil, ali era uma casa, o casarão de Odilon de Assis, que era uma família histórica de Pombal, nessa casa tinha a sacada Romeu e Julieta bem antiga tal qual o romance, ai demoliram para construir a Agencia do Banco do Brasil. A construção daquela praça de alimentação em cima da praça do Centenário tirando a originalidade da praça. Eu não sou contra a praça, eu sou contra ela está no lugar onde se encontra, eu acho que ela foi colocada ali indevidamente. Outro também, ali onde foi construído a farmácia de Cássio ali funcionou o Sobrado de Dona Jarda. Dona Jardelina que era a esposa do cangaceiro Chico Pereira. Ali funcionou, quando foi criado, o Ginásio Diocesano de pombal, as primeiras aulas foram ministradas ali no primeiro andar, no sótão e ali funcionou por algum tempo ai o número de alunos foi aumentando então fizeram uma

permuta onde é o João da Mata funcionava a prefeitura, ai fizeram a permuta a prefeitura veio para o sobrado de Dona Jarda por sua vez, o Ginásio Diocesano veio para o local do João da Mata ai depois demoliram pra construir a Agencia do Banco do Brasil. Então não resta dúvida que houve mudanças no aspecto arquitetônico, demoliram alguns prédios antigos estilo Barroco, Rococó, da arquitetura antiga e construíram prédios mais modernos, quer dizer, veio a modernidade mas veio em detrimento de que? Da própria história comprometendo até a originalidade, não sei se você vai concordar comigo, tem o direito de discordar, mas eu não vejo boas mudanças no aspecto paisagista que venha causar impacto pelo contrário, eu faço é lamentar e isso não se restringe só ao centro de Pombal não, a periferia também, o DNER ali de frente a rodoviária foi destruído e só existe hoje o terreno quantos e quantos anos o DNER Departamento Nacional de estradas e rodagem funcionou ali, ali tem história. A casa do alinho na saída para Patos à esquerda onde foi palco do primeiro filme de longa metragem feito na Paraíba, o filme: Fogo, o salário da morte. Destruíram, hoje não existe nada, então vendo por esse lado, a minha visão é essa; Eu me sinto entristecido por que eu vi parte da história sumir, desaparecer, vivo apenas a lembrança de pessoas como eu e outros que admiram e que lutam para a preservação da história eu vejo com muita tristeza isso ai, lamento muito não ter mais a dizer mas isso justifica. Outro fato que eu sou revoltadíssimo até por ter sido aluno de lá do Ginásio diocesano de Pombal que pertencia à diocese de cajazeiras funcionava onde hoje funciona o colégio polivalente demoliram o ginásio diocesano para dar lugar a construção de um outro. Aí faz me lembrar um ditado tiraram o chapéu da cabeça de um para cobrir a cabeça de outro. Mas é uma escola, mas não poderiam ter feito em outro lugar, poderia ter ganho mais uma escola, mas não destruíram

uma pra construir outra e assim tem vários outros exemplos. Tem outro também a Escola Estadual Coronel José Avelino, mais conhecido como o grupo do róí, pelo fato de ficar no centro do baixo meretrício então uma das primeiras daqui também, destruída por falta de interesse dos homens públicos, os homens que se dizem representantes de Pombal, representantes dos filhos de Pombal, são esses que deixam a própria história se acabar, eu vejo dessa forma (VIEIRA, 2018, trecho “B”).

Embora durante quase toda a sua entrevista Vieira tenha se dirigido a Pombal como uma cidade de grandes belezas, de boas recordações de sua juventude na cidade, de todo o seu rico patrimônio histórico, podemos ver que ele lamenta algumas modificações pelas quais a cidade passou. Uma delas é a questão da arborização que segundo o mesmo, nunca foi levada a sério pelos gestores da cidade.

Outra crítica feita pelo entrevistado se refere à demolição de importantes prédios históricos da cidade, que, assim como o nosso entrevistado Thiago, Vieira também afirma que isso acarretou num processo de esquecimento da história da cidade, presentificada nessas construções.

Vieira cita uma série de prédios que foram demolidos para darem lugar a outros criticando tal feito, não pelo fato de se querer modernizar a cidade, mas sim

pelo fato de assim fazê-lo em um local onde já está construído um outro prédio que tem a sua importância na cidade, sendo que a mesma conta com outros locais propícios para a construção desses prédios históricos.

Assim como anunciamos ao iniciarmos esse capítulo tem a intenção de apresentar a Pombal moderno sob a ótica de alguns dos seus moradores. Nossa questão aqui era responder como os elementos da modernidade que se expressam na Pombal das décadas 1970-2010 foi percebido ou vivenciado pelos entrevistados Marcus Bandeira de Sousa, Thiago dos Santos Farias e Francisco Vieira.

Assim podemos dizer que do ponto de vista dos entrevistados a cidade perdeu algumas de suas características, que na visão deles poderia fazer a cidade ser outra. Melhor, mais rica culturalmente e projetada por sua história com outros aspectos de urbanidade preservada em suas paisagens urbanísticas.

A conclusão do capítulo e de certa forma da monografia aponta para a importância da oralidade como fonte de leitura da história e das leituras sobre o passado que é possível de serem feitas. Assim percebemos que essas vozes e memórias são fruto de experiências individuais e também coletivas, de vivências do passado e

do presente, são vozes dos que fazem e vivenciam a Pombal em suas transformações. A Pombal moderna fruto dessas transformações com a presença de elementos da modernidade é pensada sob a perspectiva das experiências sociais impressas nessas narrativas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Agora me preparo para as últimas palavras deste recorte textual que escolhi. A cidade de Pombal como tema geral, que nele depus dias e noites, alegrias quando as linhas escritas me faziam sorrir, tristezas quando estas não caminhavam, mas sobretudo satisfação em poder falar de minha cidade, minha “Terra de Maringá”.

Desse modo, já em momento do fazer coletivo a partir da orientação para a reflexão das leituras e análises decidimos tratar neste trabalho de uma Pombal dita moderna em que suas transformações urbanas puderam ser pensadas a partir de um conjunto de fontes variadas. Tais fontes tiveram máxima atenção de nossa parte, pois para o historiador é imprescindível que tenhamos o cuidado e o respeito a elas. O seu trato deve ser no sentido de conhecer quem as produziu, em que contexto se inserem e quais os discursos que as legitimam como documento histórico. A importância dessa versão sob o ponto de vista da fala dos entrevistados e da história oral,

dando voz e vez aqueles que se dispuseram a fazer seus relatos e colocar a nossa disposição suas falas. As falas do povo como documentos históricos que se verifica importante para a História, principalmente a história urbana.

No primeiro capítulo intitulado: “Estudos urbanos: uma abordagem teórica e conceitual sobre a cidade”. Começamos por tratar da parte teórica que envolve as questões de estudos urbanos. A temática sobre cidade e urbanidade vem sendo alvo de investigações pelos historiadores apoiada em fontes variadas e dialogando com outras áreas como a Geografia, a Demografia, as Ciências Naturais e etc. Tudo isso, levando em conta os escritos clássicos e os contemporâneos, bem como a literatura disponível.

No segundo capítulo intitulado, “O imaginário iconográfico sobre a cidade de Pombal - PB: uma viagem nas décadas de 1970-2010” passamos a refletir sobre as imagens produzidas e reproduzidas sobre a cidade. O imaginário iconográfico recortado que traz alguns retirados desta urbanidade, os simbolismos dos locais, além da relação das pessoas com o tempo e espaço e as conotações advindas a partir disso. Coisa que reflete a

cidade nos marcos cronológicos dia e noite como sendo momentos fabricados pela própria população.

No terceiro capítulo intitulado, “Ouvir e contar: memórias sociais sobre a Pombal das décadas de 1970-2010” fazemos uso da oralidade como método para extrair dos entrevistados suas impressões sobre a cidade foi outro ponto que colocamos em questão. A partir das entrevistas pudemos compreender as falas que trazem suas representações da cidade. Cada olhar único, porém, que se completa quando se trata dos espaços da cidade, das pessoas, da sociabilidade descrita em tempos diferentes e da memória em geral.

Dito isso, compreendemos que este estudo pode contribuir para uma reflexão sobre a cidade de Pombal nos aspectos urbanos que destacamos e com as fontes que utilizamos. A cidade tem sua complexidade e por isso deve ser compreendida como um espaço urbano vivo que está em constante transformação. Às vezes esta transformação é lenta, as vezes rápida dependendo como esta seja lida por seus habitantes e pelos que a ela tem acesso.

Portanto, compreendemos ser importante falar de cidade, seja ela grande ou pequena. Para o historiador a cidade se traduz em objeto de pesquisa a partir do olhar que empreendemos sobre ela. Sobre as pessoas, sobre os

lugares e sobre os seus símbolos. As praças, relógios, bustos, igrejas, coretos. Tudo compõe o espaço urbano histórico da cidade aliado aos usos e desusos que a eles são dados.

Pombal moderna entre os anos 1970-2010 tal como é refletida nos ensina sobre sua centralidade urbana que é corroborada pelas imagens e falas que a respeito dela são produzidas e reproduzidas. E isso foi significada sob o signo da tensão entre o que foi e o que poderia ter sido. Do que poderia ser feito de diferente na sua paisagem e como esta enquanto história poderia ser lida, de outra forma, por outros ângulos e por outros agentes históricos.

Pensamos que esse estudo se coloca acima de tudo como mais uma contribuição a história da cidade, a história local e da Paraíba. Um caminho para o despertar de outras problemáticas que aqui não foram abordadas. Uma Pombal sobre óticas de sua história industrial, sobre sua história das periferias e das pessoas que nelas residem, uma história ambiental, uma história política e tantos outros recortes possíveis. Este é um recorte, um olhar sobre Pombal, partindo do centro como eixo histórico que se revela uma cidade central. A partir de seus habitantes e os usos e significados atribuídos.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar**: textos em história oral - Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014.

ALVES, Maria Cristina Santos de Oliveira. A importância da história oral como metodologia de pesquisa. In: **Anais eletrônicos da IV Semana de História do Pontal/III Encontro de Ensino de História - Universidade Federal de Uberlândia** – Campus Pontal, Ituiutaba-MG, 2016, p. 1-9.

ARAÚJO, Jerdivan Nobrega de. **Memórias Tristes do Roi-Couro de Pombal**. – João Pessoa: Editora Imprell, 2017.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: \_\_\_\_\_. **Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 197-221.

BORGES, José Luis. **As máscaras da civilização**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BRESCIANI, Maria Stella Martins. As sete portas da cidade. In: **Espaço & Debates**, n.34, NERU, 1991, p. 10-15.

\_\_\_\_\_. **Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza.** São Paulo: Brasiliense, 2013.

CEBALLOS, Viviane Gomes. Dossiê cidade e memória. In: **Urbana: Rev. Eletrônica Cent. Interdiscip. Estud. Cid. Campinas**, SP v.9, n.3 [17], 2017, p.469-475.

COSTA, Carlos; BUTTONI, Dulcília Schroeder (Org.). **A cidade e a imagem.** Jundiaí, SP: Editora In House, 2013.

DOMÈNECH, Josep M. Català. Enquanto a cidade dorme. In: COSTA, Carlos; BUTTONI, Dulcília Schroeder (Org.). **A cidade e a imagem.** - Jundiaí, SP: Editora In House, 2013, p. 51-112.

Le Goff, Jacques. **História e memória.** - SP Editora da UNICAMP, 1990.

FERRARA, Lucrécia D'Aléssio. O texto em silêncio. In: \_\_\_\_\_. **Ver a cidade. Cidade, imagem, leitura.** São Paulo, Nobel, 1988, p. 7-18.

FERRARA, Lucrécia D'Aléssio. O espaço público como meio comunicativo. In: COSTA, Carlos; BUTTONI, Dulcília Schroeder (Org.). **A cidade e a imagem.** - Jundiaí, SP: Editora, In House, 2013, p. 35-50.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva.** 2ª Ed. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais LTDA, 1990.

KONDER, Leandro. Um olhar filosófico sobre a cidade. In: MATOS, Olgária. O Direito à Paisagem. In: PECHMAN, Robert Moses. **Olhares sobre a cidade.** Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1999, p. 73-82.

LAGROU, Pieter. Sobre a atualidade da História do tempo presente. Tradução: Norma Domingos. In: JR, Gilson Pôrto (org.). **História do tempo presente**. Bauru São Paulo: Edusc, 2007, p.31-45.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo, Centauro, 2001.

MARIANO, Serioja Rodrigues Cordeiro. **Signos em confronto**: o arcaico e o moderno na Princesa-PB dos anos vinte. 130f, Dissertação (Mestrado em História), - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1999.

MATOS, Olgária. O direito à paisagem. In: PECHMAN, Robert Moses. **Olhares sobre cidade**. RJ: Ed: UFRJ, 1994. p. 73-82.

MULLER, Helena Isabel. História do tempo presente: algumas reflexões. In: JR, Gilson Pôrto(org.). **História do tempo presente**. Bauru São Paulo: Edusc, 2007, p.17-29.

SCHAPOCHNIK, Nelson. Cartões-postais, álbuns de família e ícones da intimidade. In: SEVCENKO, Nicolau. Et. al. (org.) **História da vida privada no Brasil 3**, 1998, p. 424-525.

SEIXAS, Wilson Nóbrega. **O velho arraial de piranhas (Pombal)**. 2ª Ed. Revisada e Ampliada, Editora Grafset: João Pessoa-PB, 2004.

SOUSA, Antonio Clarindo Barbosa. A cidade e as memórias revisitadas: ou de como as memórias (RE) inventam cidades. In: ARAUJO, Edna Maria Nóbrega. et. al. **Historiografia e (m) diversidade: artes e**

**artimanhas do fazer histórico**, João Pessoa: Editora da UFCG/ ANPUH-PB, 2010. p. 110-120.

SOUSA, Verneck Abrantes de. **A trajetória política de Pombal**. Editora Imprell, 1999.

TINEM, Nelci. **Fronteiras, Marcos e sinais: Leituras das ruas de João Pessoa**. João Pessoa: UFPB, 2006.

VIANNA, Severino Coelho. **Maringá: o nome verdadeiro**. Brasília: Editora Kiron, 2012.

VIEIRA, Francisco. **Pombal em memória: história-tradição-fé; crônicas e contos**. João Pessoa: Imprell Gráfica e editora, 2016.

VIEIRA, Francisco. **Pombal em retalhos: crônicas e contos**. – João Pessoa; Ideia, 2013.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História, memória e centralidade urbana. In: **Rev. Mosaico**, v.1, n.1, jan./jun., 2008, p.3-12.

PINHEIRO, Jane. "Antropologia, arte, fotografia: diálogos interconexos". In: **Cadernos de Antropologia e Imagem**, Rio de Janeiro, UERJ, val. 10, n. 1, 2000, p. 125-35.

WILHEIM, Jorge. **São Paulo: uma interpretação**. São Paulo: Editora Senac, 2011.



Aos curiosos ou atentos, saibam que a impressão deste livro foi realizada nas oficinas da Gráfica cópia e papeis, em fonte 12, Garamond.